

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

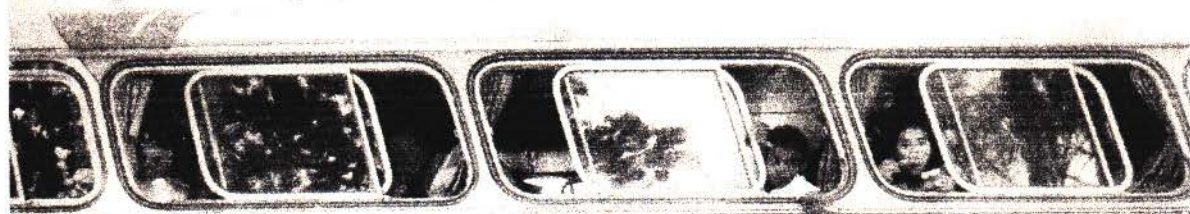
Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

KLEBSTON FERREIRA BARROS



Nordeste

**ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM
UBERLÂNDIA:**

**Uma Análise das Manifestações Populares
Nordestinas Inseridas no Contexto
Progressista Uberlandense 1989-2001**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
Uberlândia
2001**

1.622

S.9
(C)

J
a Recobina
Ob
sta

1348

Monografia apresentada e defendida em 06 de Julho de 2001, avaliada pela banca examinadora:

Prof.^o. Dr.^o. João Marcos Além

Prof.^o. Dr.^o. Newton D'Ágelo

Prof.^a. Dr.^a. Maria Clara Tomaz Machado
Orientadora

KLEBSTON FERREIRA BARROS

**ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM
UBERLÂNDIA:**

**Uma Análise das Manifestações Populares
Nordestinas Inseridas no Contexto
Progressista Uberlandense 1989-2001**

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para a
conclusão do curso de História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Clara Tomaz
Machado

**Uberlândia
Julho/2001**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COM
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - MG. - BRASIL

DEDICATÓRIA

A minha mãe, que sempre esteve presente em minha vida, a pessoa que idealizou e esforçou-se ao máximo para a realização desse momento.

O meu irmão Diogo, que veio somar o amor em nossa família.

Minha avó Ana, por sua riqueza de sabedoria e amor.

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de grandes amigos que, juntos, cultivamos inesquecíveis momentos nas noites bem vividas dos bares da vida, filosofando, bebendo e amando, dessa forma seguíamos alimentando nossas almas.

A inesquecível república Camaleões Dialéticos, onde tudo começava e onde tudo terminava. pois lá deu início à minha nova trajetória, o amor de Drucila, hoje, minha esposa, juntamente com os sorrisos e afetos do Luan, nosso lindo filho. Além dos amigos, Iris, Jane, Dórian, Luismar, Elessandro, Ricardinho, Edilson, pelas boas discussões que sempre pairavam naquele lugar.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a. Maria Clara Tomaz Machado, por sua postura compromissada, exigindo sempre o melhor do que podemos ser.

Aqueles que sempre fizeram parte de minha vida acadêmica e pessoal, os quais considero mais do que irmãos, Mauro, Conrado, Meire, companheiros de todas as horas, agradeço as lágrimas e os sorrisos que me escaparam e vocês estiveram sempre me suportando. Me ensinaram *a passar pela vida e não assistir a vida passar por mim*.

A Cristiane, pelos momentos boêmios e inspiradores que seguimos juntos, aliados à experiência da Rotinha.

Aquele que sempre encontrava palavras para ajudar a diminuir a distância entre eu e o meu ser, grande amigo João Batista, da Coordenação de História.

Aos amores que sempre cultivei na intenção de sempre ser amado.

Ficou
A terra arretada, ficou
Sangrenta terra
Sangrento é o coração
de quem a deixou
Olhou para trás
Olhou com olhos lânguidos
Tudo que sempre teve...
Terra
Rica terra seca
Voltou a olhar
Agora um novo caminho
Em sua bagagem
Trouxe a vida, o mundo
Sorrisos estusiasmados
Lágrimas doridas
Esperanças
E nelas
Com elas
Lembranças de rostos sofridos
A teimosia
É a fé no Nosso Senhor
E assim
Cresce uma esperança
Na certeza de um caminho incerto
A cada passo
Um novo sentimento
Ora estreita o peito em dor
Ora arrebenta-o
Na angústia de esperar

E anda
E espera
E quer...

O tempo vai passando
Passando..... passando
Lua, sol
Noite e dia
Tudo que viveu
Já vai longe
Uma lágrima quente
Arde os olhos,
mas não cai
cantarola então,
Uma antiga canção
-Oh! Meu Deus
És culpado da desgraça
que acomete o meu povo?
Desgraça mascarada
Prá belas praias
Lindas músicas
Músicas que cantam
As belezas do Nordeste:
Mulheres
As vezes tá na TV
Uma reportagem
Sobre a fome, a seca
Mas o povo não quer ver
E aí
Mascaram tudo outra vez
Festas, praias, calor, água de coco
Afinal,
Isso é mais gostoso de se ver
Que a fome
Resta então
A incerteza das estradas
Desse mundão de Deus

(Drucila Milian)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
------------------------	----------

CAPÍTULO I

UBERLÂNDIA: “Progresso e Estratégias de Controle Sócio-Cultural”.....	16
--	-----------

CAPÍTULO II

ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS : A Luta Pela Garantia de um Espaço?.....	37
---	-----------

CAPÍTULO III

NORDESTE EM MOVIMENTO: Nordestinidade e Progresso, Espaços para Memória e Práticas Culturais em Uberlândia	62
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
-----------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	83
---------------------------	-----------

ANEXOS	86
---------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Uma das razões que motivou essa proposta de pesquisa foi o fato de ter cursado a disciplina estudos alternativos em história contemporânea com a Prof^a Dr^a Maria Clara Tomaz Machado no curso de História da UFU.

Outro fator essencialmente responsável foi a oportunidade de ter convivido durante toda minha infância e adolescência com os costumes, crenças, festejos e trabalhos dos migrantes nordestinos residentes na cidade de Brasília, cujas relações sócio-culturais foram marcantes durante minha fase de desenvolvimento pessoal. Esta experiência pessoal, foi importante na minha vida, daí considerar a possibilidade de discutir a temática nordestina também aqui na cidade de Uberlândia, utilizando a Associação dos Nordestinos como objeto empírico de análise.

Esta pesquisa constitui-se em um desafio acadêmico, pois apesar da cultura popular ser um tema tão presente na sociedade, ainda existe uma certa falta de fontes documentais, o que dificulta seu estudo. O que não quer dizer que seja pouco explorado, pelo contrário, existe uma constelação de trabalhos realizados acerca do tema. Percebemos ainda que, de certa forma, o tema não tem recebido notoriedade por parte dos historiadores locais.

O Brasil é um país que se constituiu historicamente por relações sócio-culturais entrelaçadas pelas experiências de indígenas, africanos e europeus, que miscigenaram costumes e tradições. Consequentemente, seu contexto sócio-cultural se formou ao longo dessas interrelações, ressaltando ainda que substratos relevantes de brasileiros, em constante busca por sua sobrevivência, tem se movimentado procurando lugares e regiões que lhe possibilitem fincar suas raízes. Em outras palavras, faz-se necessário

considerar o desenvolvimento das características migratórias efetivadas pela própria dinâmica e necessidade socio-econômica e política de sobrevivência, e, nela, as relações culturais que foram sendo engendradas no processo histórico em questão.

Foi nesse contexto migratório que o país se estabeleceu e se viu impregnado por uma miscigenação aliada às diversidades culturais e regionais. Nele, a agitação secular dos agentes sociais estiveram marcando presença e, ainda hoje, nos deparamos com suas realizações que, conscientes ou não, contribuem, de uma forma ou de outra, na reelaboração da cultura popular, fazendo surgir novos condicionantes para a sua presença/ renovação na sociedade atual.

Enquanto peça fundamental dessas relações, os agentes sociais nos transmitem ampla responsabilidade pela persistência/recriações das manifestações populares e, entre eles salientamos os nordestinos, dotados de práticas culturais próprias que, inseridos no processo de desenvolvimento histórico brasileiro, trazem as marcas de sua formação imbricada em sua postura de sertanista, de homem do campo, antes de tudo, homem devoto, com peculiaridades no que diz respeito a hábitos, crenças, valores.

O mundo produtivo se modernizou, entretanto, o nordestino migrante trouxe consigo o papel de guardião de seus valores. Estes sujeitos, assim como vários outros, inseridos no capitalismo contemporâneo, se transformaram pela ação desenraizadora do mundo fabril contemporâneo, porém, sem se esquecer de suas raízes. Por isso, às vezes, sentem a necessidade de buscar essas raízes culturais, que lhes permitem manter sua identidade. Portanto, o nordestino, enquanto senhor de seus próprios valores em qualquer espaço cultural adverso é capaz de sentir e conferir forma à sua realidade, tornando-se, por isso, exemplo de cultura.¹

¹ SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**: ensaios sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire. Campinas/ SP: ed. Unicamp. 1990.

Foi carregando este exemplo que o nordestino também chegou à cidade de Uberlândia, fazendo parte do grande número de migrantes que hoje aqui se encontram, atraídos por um discurso progressista estruturado pelo poder público municipal.

Uberlândia historicamente se projetou ideologicamente dentro do cenário nacional enquanto cidade pólo do cerrado. No discurso oficial apresenta-se como sociedade harmoniosa servindo de modelo² para as demais, estando de *braços dados* com a “ordem e o progresso”, “*maquiando*” os conflitos e suas mazelas sociais.

Procurando se encaixar no ranking das cidades com grande potencial comercial e industrial, as elites locais constróem projetos políticos da ordem e do progresso e seus êxitos, de uma forma ou de outra, se travestem em “sucessos coletivos” escamoteando as diferenças sociais, os conflitos advindos de uma sociedade de classes. Enfim, oficialmente esta cidade está de portas abertas a quem se interessar em um lugar propício para investir seu capital, gerando lucros pessoais. No entanto, jamais encontrarão espaços por aqui pessoas que chegam com “a cara e a coragem”, portando a sua simples mão-de-obra juntamente com toda sua família.

Apesar de termos descrito diversas características atribuídas ao atual pólo metropolitano, que hoje representa a cidade de Uberlândia, precisamos também analisar o seu contexto histórico, mais precisamente a década de 50 até os dias atuais, sem deixar de fazer a correlação com o quadro da política nacional.

O Brasil atravessou um longo processo de industrialização iniciado na era Vargas que, com sua política “desenvolvimentista” conseguiu arregimentar o apoio da grande maioria da sociedade civil, subsidiado por um discurso recheado de uma real

² MACHADO, Maria Clara T., Uberlândia: um modelo de cidade burguesa?. In: _____. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Dptº de História, USP, São Paulo. 1990. p. 27.

necessidade de fazer decolar o país, gerando riquezas, empregos, salários, enfim, gerando o desenvolvimento nacional. O caminho inicial seria a implementação de diversos ramos da industrialização nacional.

O “plano de metas” gestado pelo governo Dutra, aliado com o avanço desenvolvimentista dos “50 anos em 5” da política de Juscelino Kubitschek, deu continuidade aos projetos de interesses da burguesia nacional, somados aos desejos imperialistas norte-americanos. O governo J.K, com a “mão-na-massa” deu continuidade ao “desenvolvimento econômico do país.”

A construção de Brasília, a descentralização do pólo industrial do eixo Rio/São Paulo terminaram por transferir vários complexos industriais à Uberlândia e outras regiões, beneficiada, inclusive, por sua localização geográfica estratégica, ponto obrigatório de entrecruzamento do sul, norte e nordeste com o centro-oeste do País.³ Esta posição, alcançada a partir dos anos 60, veio de encontro aos interesses das autoridades locais, representantes das tradicionais famílias inseridas no contexto agropecuário, comercial e político, com presença e fortes influências estaduais e federais, projetando a cidade no modelo de desenvolvimento nacional de então.

Se por um lado, a cidade de Uberlândia cresceu economicamente e se despontou no cenário nacional, por outro, vieram consigo as consequências que estão imbricadas em todo desenvolvimento social, ou seja, a exclusão das classes sociais menos favorecidas, a presença dos migrantes, o desemprego, as favelas, a miséria, em suma, as mazelas urbanas encontradas em todas as cidades, sejam de pequeno, médio ou grande porte.

³ MACHADO. Op. Cit., p. 25.

Penetrando na realidade social uberlandense, encontramos a figura do migrante que, atraídos pelo discurso progressista, chegaram em grandes números durante as décadas de 70, 80 e 90, sendo hoje presença expressiva entre seus habitantes. Entre as décadas de 60 e 80 a população dessa cidade triplicou, e neste crescimento é possível atribuir que 75% dele diz respeito a migração. Isto nos incentivou a investigar as atuações culturais dos nordestinos migrantes e as suas preocupações em manter suas raízes populares, crenças, festas.

A possibilidade para esse trabalho se concretizou com a descoberta de uma Associação dos Nordestinos em Uberlândia, que data de 1989 e tendo por objetivo enfatizar um trabalho de cunho social/cultural, decorrente das dificuldades encontradas por tais pessoas, para sobreviverem nesta cidade, procuraram resgatar suas raízes através das diversificadas expressões nordestinas, sugerindo a possibilidade do renascer de uma identidade pessoal e/ou coletiva, mesmo que distantes de sua “terra natal”.

Neste sentido, este trabalho objetiva compreender como se dá a inserção da presença nordestina no cenário uberlandense, evidenciando a construção de um espaço social onde suas práticas e representações culturais são recriadas como forma de preservar sua identidade social. Nesta perspectiva, a Associação dos Nordestinos em Uberlândia será o ponto de partida dessa investigação. Procuraremos entender o papel de sua criação, seus objetivos e suas realizações concretas.

Para isso seria importante verificar se tal associação refletiria a conquista de um espaço social urbano, para expressar suas manifestações culturais populares, e até onde se torna antagônico a possibilidade de conquista desse espaço, por parte dos nordestinos aqui instalados com os interesses da elite local.

Portanto, nossa proposta é dissertar sobre a Associação dos Nordestinos e suas ações concretas para manter viva sua cultura na cidade de Uberlândia, focalizando o período compreendido entre 1989-1999, na tentativa de viabilizar uma temática que possa enriquecer e contribuir para a reconstrução de mais uma faceta desta cidade. Para além disso, é também nosso objetivo analisar os bairros de Uberlândia que concentram o maior número de nordestinos, reconstituindo seu cotidiano e suas experiências concretas de vida na cidade em questão.

Como fundamentação teórico-metodológica começamos com as hipóteses/problematizações sugeridas pela Eclea Bosi:

“ Como pensar em cultura popular num país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada “código restrito” pelos linguistas; seu jeito de viver, “carência cultural”, sua religião, crendice ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão”.⁴

O termo cultura popular, complexo por natureza, traduz o porque da infinidade de trabalhos existentes acerca desse tema. Grande parte desses trabalhos surgiram a partir da própria necessidade do ser humano de se conhecer mais e entender as relações sócio-culturais tecidas no fazer-se da própria existência.

Elegendo como estrutura temática a história da cultura popular, baseando na historiografia existente, analisaremos as múltiplas representações e práticas culturais populares dos migrantes nordestinos que, como táticas de resistências e recusas se

⁴ BOSI, Eclea. Cultura e desenraizamento. In: Bosi, Alfredo. **Cultura brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Ática, 2º ed. 1992.

opõem às estratégias de dominação e poder forjados por um discurso burguês que acompanham as relações sócio-culturais brasileiras à bastante tempo.⁵

A cultura, por esse viés, pode ser entendida como uma contribuição importante para que as pessoas possam se situar no seu meio social, transformando-o, ou mesmo dando significado e identidade às suas vidas. O que há de grandioso na cultura popular é que nela o artista não se distingue da massa. Artista e público vivem integrados no mesmo anonimato e o nível de elaboração artístico é tão primário que o ato de criar não vai além de um simples ordenar os dados mais potentes da consciência popular⁶. Entretanto, pensar na possibilidade de manter acesa as forças culturais do povo nordestino seria, ao mesmo tempo, pensar na possibilidade que esse povo tem de resistir ao modelo, historicamente apresentado, de espoliação social.

Ao resgatar o nordestino presente em Uberlândia temos como proposta discutir as diversidades e as riquezas das manifestações culturais populares como importantes evidências documentais para uma elaboração do conhecimento histórico, apontando ao mesmo tempo, os discursos que objetivam transformá-las em estratégias de dominação e/ou resistência⁷. Nesse sentido, as representações culturais não são vistas mais como reflexo das relações sociais de produção, mas como fruto das experiências concretas de vida dos sujeitos históricos. Assim, se torna possível compreender o social como uma teia de relações complexas, culturalmente construídas.⁸

Relativamente a uma gama de problematizações existentes aos historiadores da cultura popular, acrescentamos questões tais como a contraposição entre o popular e o

⁵ Acerca deste temas ver: CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis/R.J: Vozes, 1994.

⁶ ARANTES, Antônio A. **O que é Cultura Popular**. Col. Primeiros passos. São Paulo: ed brasiliense, 1981. p. 53.

⁷ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: difel, 1988.

erudito, produção e consumo, e as saídas apontada por Bakhtin, Ginsburg, Chartier, entre outros, que vislumbram entender tais práticas através da circularidade e do influxo recíproco entre as culturas.⁹ A ampliação do campo de investigação, possibilitado com a mais recente abordagem historiográfica, veio acompanhado das muitas dificuldades para com as práticas metodológicas.

Para concretizar esta pesquisa utilizaremos as fontes documentais existentes na Associação dos Nordestinos em Uberlândia, tais como fichas cadastrais de associados, filmes sobre eventos e festas realizadas na sede da associação, jornais e atas de reuniões da diretoria, cartazes de anúncios de forró, livro de registro de doações, fotografias, entre outros, no intuito de conhecer suas práticas e objetivos. Utilizaremos também, os jornais impressos da cidade entre 1989 e o ano 1999, que mencionem os migrantes nordestinos, suas participações e contribuições ou não para o modelo desenvolvimentista local.

Não poderemos abrir mão das entrevistas a serem realizadas com famílias de nordestinos que vieram em busca de melhores condições de vida e trabalho. Faz-se necessário focalizar as famílias que aqui deram certo economicamente, bem como as que não obtiveram êxito e aqui continuam, mesmo que excluídas do “desenvolvimento” gerado pela cidade. Dessa forma, pensamos ser possível resgatar através do imaginário coletivo do povo nordestino, suas manifestações e práticas cotidianas que colaboram, ou melhor, que reconstróem a cultura popular, aos seus modos e formas.

Portanto, estarão presentes em nosso trabalho conceitos, tais como: Cultura popular, imaginário, migrantes, identidade, desenraizamento cultural, representações,

⁹ MACHADO, Maria C. Tomaz. “**Cultura popular**: em busca de um referencial conceitual”, In: Cadernos de História. Uberlândia. 5(5): 73-83, Jan/Dez. 1994.

persistência, conformismos e as resistências, recriações, entre outros. Nossos capítulos estão assim estruturados:

No primeiro capítulo estabelecemos um panorama geral sobre as políticas nacionais ideologicamente calcadas em plataformas nacionais de governo, visando construir um país moderno e produtivo representando o desenvolvimento necessário para dar a nova cara ao Brasil, uma sociedade trabalhadora e progressista. Essas políticas alcançam um respaldo em várias partes do território nacional, consequentemente, Uberlândia será uma das cidades que se apoiará nesse discurso buscando seu benefício na intenção de ver sua elite despontar em âmbito nacional. Da imagem de cidade progressista que assume, a partir dos anos 60 passa a ser alvo de grandes fluxos migratórios, fazendo parte do público migrante que aqui se instalou, encontramos a presença dos nordestinos.

No segundo capítulo buscamos entender o motivo da criação de uma Associação que representasse o migrante nordestino presente nesta cidade. Vamos mostrando as formas como surgiu essa instituição, suas práticas, se estão voltadas para o estabelecimento de uma identidade nordestina.

O terceiro capítulo foi o momento de discutirmos a partir de histórias de vidas, qual a representatividade estabelecida pela Associação na vida cotidiana do nordestino. O que esse migrante espera da Associação? Qual sua importância? O que ela representa na sua vida? A Associação fomenta as manifestações populares inserindo-as no contexto progressista uberlandense?

CAPÍTULO I

UBERLÂNDIA:

“Progresso e Estratégias de Controle Sócio-Cultural”

O Brasil é um país que se constituiu historicamente por relações sócio-culturais entrelaçadas pelas experiências de indígenas, africanos e europeus, que miscigenaram costumes e tradições. Consequentemente, seu contexto sociocultural se formou ao longo dessas inter-relações, ressaltando ainda que substratos relevantes de brasileiros, em constante busca por sua sobrevivência, têm se movimentado procurando lugares e regiões que lhe possibilitem fincar suas raízes. Em outras palavras, faz-se necessário considerar o desenvolvimento das características migratórias efetivadas pela própria dinâmica e necessidade sócio-econômica e política de sobrevivência, e, nela, as relações culturais que foram sendo engendradas no processo histórico em questão.

O padrão de desenvolvimento urbano que se estabeleceu no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, se destaca por um crescimento rápido e, em muitos casos, desordenado, contribuiu para o surgimento de grandes metrópoles, forçando a expansão da rede urbana, inclusive das capitais regionais e sub-regionais, encaminhando a população urbana em grande número para cidades de diferentes tamanhos. Percebe-se os novos traçados nessas cidades, cujas práticas se reestrutura para as atividades econômicas, demonstrando uma preocupação com a distribuição populacional num contexto espacial urbano mais delineado, separando as áreas urbanas residenciais das áreas urbanas produtoras e/ou industriais.

Durante grande parte do século XX, especialmente a partir da década de 50, os planos governamentais de desenvolvimento industrial forçaram um maior entrelaçamento do mercado e sua articulação. Tornou-se necessário a criação e expansão das vias de transportes para a ligação dos mercados internos, proporcionando desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, uma expansão da rede urbana concentrada nas principais regiões mais produtoras do país. Até os anos 70, os fenômenos da urbanização e da redistribuição espacial da população, marcados por intensos fluxos migratórios, apontavam para o crescimento progressivo das grandes cidades. Esse afluxo crescente de pessoas para o meio urbano, fez com que tal período fosse marcado pela “explosão do crescimento urbano”, com o processo de concentração da população em cidades cada vez maiores; ressalte-se que esse panorama concentrador de redistribuição interna da população foi se montando ao longo do século XX, indicando a rapidez das transformações urbanas no Brasil.¹

Os fenômenos do desenvolvimento urbano e de uma população heterogênea, marcados por intensos fluxos migratórios, comprovam o progressivo crescimento das grandes cidades, ou seja, uma “explosão do crescimento urbano”, que se constituiu ao longo da segunda metade do século XX. Assim, o processo de urbanização do Brasil se desenvolveu através de grandes deslocamentos populacionais, tanto do campo para a cidade, quanto de cidades pequenas para cidades de porte maior.

O dinamismo e a complexidade desse processo se expressou na multiplicação do número de cidades no país. Baeninger nos apresenta os dados *“Entre 1950 e 1980 passou-se de 1889 cidades, no início do período, para 3.991, ao seu final. No entanto, do total de cidades em 1980, a grande maioria era constituídas de cidades pequenas (*

¹ BAENINGER, Rosana. **Tendências recentes da migração urbano-rural no Brasil**. Relatório I – análise dos movimentos migratórios no Brasil e em São Paulo segundo o censo demográfico de 1991.

com menos de 20 mil habitantes) que respondiam por 87,6% do total das cidades brasileiras, concentrando apenas 22% da população. Em contraposição, nas 13 cidades brasileiras acima de 500 mil habitantes residiam 31% da população nacional. Em conjunto, as cidades médias e grandes (95 localidades) alocavam, em 1980, aproximadamente 54% da população residente em cidades do País”.²

O impacto da transferência de população rural para o meio urbano se fez sentir de maneira mais acentuada a partir dos anos 50, uma vez que o País não era composto por uma base demográfica tão extensa; à medida em que a população vai aumentando, ao se analisar o conjunto do desenvolvimento demográfico brasileiro, fica bem visível a diminuição da população rural em detrimento de uma considerável progressão da população urbana. O que denota um expressivo crescimento dos centros industriais-urbanos, condicionando suas atividades para setores tecnologicamente mais “avançados”. As mudanças no quadro social brasileiro se engendraram a partir de interesses de grupos nacionais e internacionais acarretando grandes corridas das populações rurais para os centros urbanos, como observamos na tabela abaixo:

Unicamp, 1997.

² BAENINGER. op. Cit., p. 06. Sobre o processo de formação das cidades brasileiras ver também: FARIA, Vilmar. “Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: A experiência brasileira dos últimos trinta anos”. In: **Sociedade e Política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

População total, Urbana e Rural no Brasil 1940-1991

Ano	População (em milhares)			Taxas de Crescimento (% a.a)		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1940	41.236	12.880	28.356	2,33	3,84	1,58
1950	51.994	18.783	33.162	3,05	5,32	1,54
1960	70.191	31.534	38.657	2,87	5,15	0,60
1970	93.139	52.084	41.054	2,48	4,44	-0,62
1980	119.002	80.436	38.566	1,93	2,96	-0,66
1991	146.917	110.876	36.042			

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1940 a 1991

O processo de concentração industrial tendeu-se a implantar nos centros urbanos com certa densidade populacional. Com a consolidação do mercado nacional, as indústrias instalaram-se, em grande parte, na região Sudeste, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nesse contexto, assistiu-se a intensificação do processo de urbanização no país, forjado em decorrência dos grandes fluxos migratórios. Contudo, as populações das áreas desfavorecidas sofreram uma relativa desvantagem comparadas com as populações das áreas privilegiadas.

“As cidades que acabaram por se industrializar foram, geralmente, aquelas que já tinham relativa expressão urbana por terem sido antes importantes centros comerciais. Tais centros, quase sempre, já possuíam parte dos serviços de infra-estrutura que a indústria necessitava...houve inclusive a transferência à cidade de numerosos serviços que antes eram executados em áreas rurais. Com a industrialização, estes serviços passam

a ser prestados por estabelecimentos especializados, a partir de uma base urbana”.³

O processo de urbanização brasileiro só se tornou possível devido às políticas que atravessaram o seu imediatizado processo de industrialização. Iniciado na era Vargas, esse desejo impulsionador conseguiu arregimentar o apoio da grande maioria da sociedade civil, subsidiado por um discurso que apontava para a necessidade de fazer o país decolar, gerando riquezas, salários, progressos técnicos, enfim, gerando o desenvolvimento nacional. O caminho inicial seria a implementação de diversos ramos da industrialização nacional e de expansão e interiorização do país.

Durante este governo, nos anos 40, foi implementado o projeto de expansão pelo interior do país, popularmente conhecido como “marcha para o Oeste paulista” significando, dentre outras coisas, uma das diversas fases no processo de urbanização brasileiro, o qual se intensificou na segunda metade do século⁴. Em seguida, assistimos O “plano de metas” implementado pelo governo Dutra, aliado com o avanço desenvolvimentista dos “50 anos em 5” da política de Juscelino Kubitchek, dando continuidade aos projetos de interesses da burguesia nacional, somados aos desejos imperialistas norte-americanos. O governo J.K, com a “mão-na-massa” intensificou o “desenvolvimento econômico do país.”

A construção de Brasília, a maior marca registrada de seu governo, exigiu uma grande quantidade de mão-de-obra, canalizando vários trabalhadores brasileiros, principalmente, nordestinos, caracterizando, através de seus deslocamentos, uma intensa

³ SINGER, Paul. Migrações Internas: Considerações Teóricas sobre o seu Estudo. In: **Migrações Internas e desenvolvimento Regional**. São Paulo: 1974, p. 171-207.

⁴ LENHARO, Alcir. **Colonização e trabalho no Brasil**: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. Campinas/S.P: Unicamp, 1985.

urbanização no Planalto Central do país. A partir do povoamento dessa região, foi necessário a abertura de novas estradas para ligar mais facilmente as novas localidades que iam surgindo, pelo interior do País, no cenário urbano nacional. A malha rodoviária brasileira foi se intensificando, visando facilitar o escoamento dos produtos que iam surgindo e intensificando o comércio e a indústria, ou seja, o projeto desenvolvimentista ia tomando fôlego e impulsionando as novas relações econômicas brasileiras para o cenário industrial.

Com o desenvolvimento de novas regiões pelo interior do Brasil, principalmente Goiás, Mato Grosso e Triângulo Mineiro, podemos perceber a descentralização do pólo industrial do eixo Rio/São Paulo que terminam por transferir seus vários complexos industriais para outras regiões, especialmente para essas no interior do país, conformando novas formas de concentração urbana que foram surgindo, influenciadas por tal deslocamento dessas atividades econômicas.

Nesse quadro de intenso desenvolvimentismo nacional, gestado pelo Estado brasileiro, a cidade de Uberlândia desponta no âmbito nacional, se beneficiando, inclusive, por sua localização geo-política privilegiada, estrategicamente equidistante das principais capitais brasileiras, a qual se tornou o ponto obrigatório de entrecruzamento do sul, norte e nordeste com o centro-oeste do País.⁵

*“localizada do centro do Brasil, Uberlândia é hoje uma moderna cidade com 109 anos e mais ou menos 500.000 habitantes. Economia diversificada e o seu sólido e continuado processo de desenvolvimento a transformaram na cidade líder do Brasil central.”*⁶

“A Terra para quem nela trabalha: a especulação com a terra no Oeste brasileiro nos anos 50.” In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v-6, nº 12, 1986.

⁵ MACHADO, Maria Clara T., Uberlândia: um modelo de cidade bruguesa? In: **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)**, S.P: USP. Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas, Deptº de História. 1990. Pp. 25 (dissertação de mestrado).

Nesta perspectiva, vimos a aglutinação de diversos fatos sociais acontecendo em um mesmo período histórico, como o processo de urbanização nacional que se intensificou com a implementação das políticas desenvolvimentistas, das quais, Uberlândia se beneficiou, como uma cidade do interior mineiro, cujas elites locais, aspiradoras do progresso e da modernidade tecnológica, souberam se apoiar num discurso oficial maior, se organizar com o intuito de fortalecer suas ações políticas, determinando a importante participação da cidade para a construção do progresso nacional, e, conseqüentemente, o seu próprio progresso.

“escolhendo esta cidade como base da expedição roncador-xingu, que vai levar aos remotos sertões a decisão patriótica do eminente presidente Vargas de desbravar as regiões longínquas do País, reconheceu a sua privilegiada situação geográfica como ponto de tangência do vasto sistema rodoviário do Centro-Oeste. O raio comercial de Uberlândia, senhor ministro, se estende aqui a cerca de duzentas léguas, centralizando quase toda a região do Triângulo Mineiro, do Sudoeste Goiano até o Leste de Mato Grosso. Tudo aqui nos inspira para o trabalho e para o interesse de progredir, caminhando convicto da vitória do Brasil, sob o governo patriótico do Presidente Getúlio Vargas”.⁷

“É nesta perspectiva do progresso real, e de todo um discurso construído sobre o mesmo que vai se moldar a sociedade uberlandense. Cogitada nas décadas de 30 e 40 para ser a capital da república, por sua situação geográfica e diversificação econômica, o fato de não ter conseguido sediá-la não esmoreceu os ânimos da imprensa, associações de classe, da câmara municipal e de seus políticos em dotá-la de todos os recursos para a concretização do seu projeto maior – de tornar-se uma cidade

⁶ UBERLÂNDIA. O PORTAL DO CERRADO BRASILEIRO. Filme documentário produzido pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo. Uberlândia/ PMU. 1997. 1 vídeo cassete (38 min), VHS, son., color.

⁷ Discurso do Prefeito Vasconcelos Costa em 1943. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, nº 1224. ano XI, 10/08/43.

*de primeira grandeza no Estado. A instalação da “cidade industrial” se viabilizou a partir de meados dos anos 60 e a implantação da capital da república, em pleno coração do país, possibilitou a criação de uma importante malha rodoviária que, inevitavelmente, colocou Uberlândia como ponto primordial de penetração para o Centro-Oeste e Norte”.*⁸

Uberlândia se encaixa, a partir de então, numa posição privilegiada, que tão somente veio denotar os interesses das autoridades locais, representantes das tradicionais famílias inseridas no contexto agropecuário, comercial e político, possibilitando suas presenças e fortes influências nos meios estaduais e federais, projetando, cada vez mais, a cidade para o modelo de desenvolvimento nacional de então, nos permitindo entender o porque do seu crescimento econômico passando a ser, nos anos 80 a terceira maior cidade em arrecadação de ICMS do Estado e a oitava maior em arrecadação de tributos federais, incluindo as capitais.⁹ Temos como demonstração estes dados referentes à situação populacional de Uberlândia perante o estado e o País:

⁸ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Caminhos do Progresso. In: **Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços 1924-1964**. S.P.USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Depto de História. 1989. Pp 38 (dissertação de mestrado)

⁹ Dados elaborados pela S.M. Indústria, Comércio e Turismo, expressos em revista do próprio órgão em outubro de 1993.

Anos (década)	População	Posição MG	Posição País
1940	21.530	4 ^a	50 ^o
1950	34.467	4 ^a	46 ^o
1960	70.719	4 ^a	49 ^o
1970	111.580	4 ^a	49 ^o
1980	230.400	3 ^a	34 ^o

Portanto, Uberlândia sobe para o topo das localidades regionais que se inserem nos moldes da industrialização propagada oficialmente, e, que, por isso, são beneficiadas pelo progresso técnico. Já na década de 60, a política de ocupação dos cerrados empreendida pelos governos militares, especialmente o II Plano Nacional de Desenvolvimento -II PND-, propiciou o desenvolvimento das culturas de grãos (soja, milho, café) em terras da região, acarretando para Uberlândia o armazenamento, a distribuição e a exportação desta parte da safra agrícola nacional.¹⁰

*“A natureza caprichou e o homem entrou com seu trabalho. Só poderia dar nisso: uma cidade de muita beleza, de muito progresso e de muito talento”.*¹¹

As diversas conquistas que a cidade de Uberlândia foi adquirindo ao longo de sua história, nos faz buscar entender o porque que as elites locais investiram nesta euforia desenvolvimentista. A resposta estaria na sua ânsia por conquistar o seu espaço no poder, garantindo um lugar especial para seus projetos políticos, não só a nível local

¹⁰ MACHADO. op. cit., p.26. Fundação João Pinheiro. Diagnóstico de Uberlândia. P.E. C.I., 1980. p23-26.

como também a nível nacional. Contudo, tal ação não deve ser vista descolada da realidade nacional.

O discurso político direcionado à toda a nação brasileira, implementado a partir da suplantação do Império e implantação da República no final do século XIX, foi desenvolvido pela burguesia nacional, detentora dos meios de produção e do poder político representado através do Estado. Essa análise nos é objetivada na conclusão da historiadora Iraci Galvão Salles ao nos apresentar que:

*“A Nação – Universo geográfico, político e social – local em que a luta de classes ganha concretude, tem importância fundamental para que a burguesia possa impor os seus limites à luta de classes e para as lutas internas da própria classe. Por isso, a nação tem que se expressar no Estado, lugar no qual a burguesia estabelece o seu controle na luta de classes, podendo, assim, configurar a unidade social. Em vista disso, esse Estado, representante da classe dominante, necessita parecer como o Estado que a todos representa, indistintamente, legitimando, assim, as relações de dominação”.*¹²

Estes elementos de controle da sociedade, são visivelmente palpáveis nos projetos econômicos e políticos implementados pelas lideranças burguesas na cidade de Uberlândia, em conformidade com o desenvolvimentismo nacional. Tais projetos, tem respaldo na imprensa local, desempenham “seu papel” de interlocutor dos anseios das elites, apresentando seus projetos como se fosse da sociedade uberlandense como um todo. Portanto, torna-se necessário a implementação e manutenção da “ordem”, somente assim, é possível alcançar o progresso. Compactuando com o lema positivista de “ordem e progresso” é que as autoridades locais vão engendrando seu papel de articuladores do desenvolvimento regional, introjetando o discurso da modernidade.

¹¹ Frase extraída de um cartaz comemorativo dos 100 anos de Uberlândia elaborada pela administração Zaire Rezende. 1988.

¹² SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada**. São Paulo: Hucitec. 1986. p. 120.

Desse modo, se torna conveniente afirmar que “os donos da riqueza são os interessados por excelência na ordem e na tranquilidade pública e, por isso, estão, de um lado, reforçando a sua dominação, de outro, alimentando a reprodução da crença aos valores sociais fundamentados na propriedade e na riqueza”¹³, circulando idéias e atitudes ao apego material inculcando seus valores na mentalidade coletiva da sociedade local através dos mais diversos espaços de comunicação e órgãos da imprensa local. Entretanto, vale ressaltar que os projetos políticos das elites locais não foram aceitos sem resistências pelos mais diversos segmentos da sociedade uberlandense. Tal assertiva pode ser observada no trabalho de Newton D’Angelo, intitulado: *Vozes da Cidade: Progresso e lazer ao som do rádio*, que mostra a radiofonia em Uberlândia como um projeto político para educar as “massas”, e incentivar valores que teve que permitir uma participação, muitas vezes diretas e outras vezes indiretas, não só na propagação das emissoras como também nos programas de auditórios, entre outros. Este trabalho vem comprovar que recusas e resistências fazem parte do jogo político que se trava na cena urbana brasileira, mesmo que o que transpareça são apenas os projetos vencedores.¹⁴

A corrida incessante ao progresso e desenvolvimento tecnológico uberlandense desde meados do século XX, proporcionou à esta cidade assumir o título de “*Portal do Cerrado*”:

“...Seu sólido e continuado processo de desenvolvimento, a transformaram na cidade líder do Brasil Central, em uma das regiões mais ricas do País, por isso Uberlândia apresenta notáveis indicadores de crescimento além de deter o melhor índice de qualidade de vida do Estado de Minas Gerais. Formam a base de sua sustentação econômica as intensas atividades nas

¹³ SALLES. op. Cit., p. 130-131

¹⁴ D’ANGELO, Newton. **Vozes da Cidade: Progresso, Consumo e lazer ao som do rádio** (1939-1970). São Paulo: PUC. 2001. (Doutorado em História).

áreas agroindustriais, prestação de serviços, telecomunicações, comércio varejista e atacadista distribuidor. Indicadores precisos atestam a força de Uberlândia, é a 20ª cidade brasileira e a 3ª do Estado de Minas Gerais em população e PIB, crescendo nos últimos 10 anos à uma taxa anual de 5,09% ao ano, o dobro da média nacional. Reconhecida pelo banco mundial como sendo uma cidade modelo para a América Latina, Uberlândia apresentou nos últimos 25 anos um expressivo crescimento populacional e econômico. Ao concentrar uma extraordinária infraestrutura logística e operacional a cidade criou as condições para a implantação de um poderoso parque industrial...”¹⁵

Foi nesse contexto que os discursos oficiais de “*ordem e Progresso*”, desenvolvidos e extraídos do interior da sociedade uberlandense que possibilitaram as ações de ordem econômica e política, no sentido de projetar sua imagem a nível regional para galgar espaços em âmbito nacional. As afirmativas acima enfatizam com clareza uma imagem edificada por um discurso oficial que se escamoteia como se fosse o desejo mútuo dos uberlandenses. Contudo, as lideranças locais tem como objetivo, camuflar as relações de lutas de classes existentes em seu interior, cujas conseqüências são atribuídas à toda e qualquer sociedade moderna. Dessa forma, fica invisível os problemas sociais, as greves, as resistências políticas, os movimentos sociais politicamente organizados, cuja cidade emerge como uma ilha de prosperidade frente as mazelas e vicissitudes enfrentadas no país como um todo.

Uberlândia se desponta no cenário nacional a partir da segunda metade do século XX, tornando-se conhecida em todo o País em função de suas “qualidades”, originárias das conseqüências inerentes à uma população que “aprendeu” o valor do trabalho e “soube” dar continuidade ao processo de ampliação de suas “vontades progressistas”, conquistando, portanto, o título de sociedade do trabalho.

¹⁵ UBERLÂNDIA, O PORTAL DO CERRADO BRASILEIRO. Filme documentário. Op. Cit.

Foi necessário considerar que esta cidade ao se tornar pólo de desenvolvimento na região do Cerrado brasileiro, se destaca também como pólo de atração das correntes migratórias brasileiras, que se apresentaram em constante busca de melhorias de vida, melhores condições de trabalho e remuneração. Como já afirmamos anteriormente, Uberlândia constitui-se em importante elo de ligação entre as regiões Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, ocupando uma posição estratégica no espaço geográfico com repercussões importantes para sua economia. É o que se pode observar no quadro abaixo:

Distâncias Entre Algumas Principais Cidades do País		
Uberlândia	Belo Horizonte	557 Km
Uberlândia	Brasília	426 Km
Uberlândia	Campo Grande	996 Km
Uberlândia	Cuiabá	1.070 Km
Uberlândia	Goiânia	353 Km
Uberlândia	Rio de Janeiro	1.004 Km
Uberlândia	São Paulo	616 Km

* Fonte: Guia Sei. Lista de Endereços e telefones de Uberlândia, 1999/2000

Essa articulação viária favorável se dá devido a implantação de uma malha rodoferroviária ligando a cidade de Uberlândia aos grandes centros, dinamizando economicamente o município. Contudo, é essa mesma malha viária que surge para os migrantes como caminho alternativo para seus possíveis deslocamentos, além de possíveis instalações na cidade, com a aspiração de conseguirem trabalho e moradia.

A cidade ao alcançar patamares “invejáveis” de desenvolvimento econômico, vai direcionar suas ações políticas e empresariais à um modelo propagandístico, divulgando na imprensa nacional suas “qualidades” a fim de atrair mais investimentos financeiros por parte do Estado e dos empresários nacionais e internacionais. Consequentemente,

vai também atrair um público de pessoas que se transferem para a cidade por diversas razões, engrossando a corrente migratória que se canaliza para o município. Vejamos alguns dados que ilustram esses motivos:

Motivo da viagem	1997	1998	1999
Obter emprego	3682	2990	3030
Tratamento de saúde	560	548	593
Aposentadoria	18	14	21
Documentação	73	60	21
Familiar	383	335	114
Religioso	02	02	402
financeiro	07	03	0
Retorno	362	1144	935
Outros	142	255	355
Total	5229	5351	5451

Fonte: Seção de Atendimento ao Migrante/Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social / PMU.

De posse desses dados podemos perceber a forte razão pela qual as pessoas de outras localidades se transferem para Uberlândia: o emprego. Este passa a ser o principal motivo da chegada de migrantes no município, trazendo, em segundo plano, o tratamento médico. Consequentemente, quando a demanda de mão-de-obra vai ultrapassando a oferta de empregos, a elite cidadina se vê na urgência de criar métodos que regulem estas novas pessoas, garantido o controle sobre as relações sócio-políticas geradas na cidade.

*“Sinta-se bem, forasteiro, e fique se quiser. Você é convidado a partilhar da vida de Uberlândia e juntar-se aos que descobriram aqui a receita de fazer conviver o progresso, resultado do trabalho, com o calor humano da hospitalidade mineira. Porque assim é Uberlândia”.*¹⁶

¹⁶ Encarte comemorativo dos 100 anos de Uberlândia elaborad pela administração Zaire Rezende. 1988.

O discurso oficial de hospitalidade se destina às pessoas que queiram se submeter às formas sugeridas pelas autoridades municipais, a fim de garantir estabilidade nas relações sociais com o público migrante. Vale aqui assinalar que diversas alternativas de controle dos migrantes, entre eles, pobres e com pouca ou nenhuma qualificação profissional, foram experimentados pelo poder local. Entre elas deve ser mencionada a criação da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia –ICASU-, que desde 1965 colocou em prática o conceito de assistência social institucionalizada, disciplinarizando mendigos, leprosos e menores carentes, especialmente os migrantes, durante a década de 70, no espaço urbano da cidade.¹⁷

A Prefeitura Municipal de Uberlândia, buscando operacionalizar uma política de “promoção social” associada ao controle e acompanhamento da população migrante de baixa renda, implantou em 1981 em convênio com o governo estadual no Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco, o Núcleo de Atendimento ao Migrante, com a função primordial de prestar apoio ao migrante. O trabalho executado pela Seção de Apoio ao Migrante visa orientar esse público que se dirige para a cidade, quanto aos serviços urbanos sociais disponíveis, dando-lhe apoio necessário, dentro dos limites de atuação da SAM, para que esse público possa resolver sua situação, cujo discurso afirma tentar evitar que percam sua identidade social e cultural, consequentemente, evitando o aumento dos bolsões de miséria, pobreza e marginalização que circundam as cidades de médio e grande porte. Apesar dessas características não serem visíveis nos discursos oficiais das autoridades locais.

Com a chegada, cada vez mais intensa, de migrantes para a cidade, atraídos pelo discurso de progresso contínuo, se torna necessário medidas de controle desse novo contingente populacional, evitando as mazelas sociais, afastando os riscos de perto da

¹⁷ MACHADO. op. cit., p. 214-238.

elite uberlandense. Faz parte dessas medidas a criação do Albergue Noturno Ramatis, que em associação com a ICASU, prefeitura e polícia local, promovem uma verdadeira “varredura” daqueles vistos pela política municipal como indesejados¹⁸

Se tomarmos como pressuposto que o processo migratório acompanhado do desenvolvimento industrial brasileiro, contribuiu para a formação de populações “marginais” em seus lugares de destino, desde já, conceitualizando “marginalidade” enquanto a não integração de indivíduos à economia capitalista e a não participação destes em organizações e na possibilidade de serem assistidos por atividades desenvolvidas pelos serviços públicos, percebemos a preocupação por parte da prefeitura em criar um órgão de assistência aos migrantes na intenção única de evitar o acúmulo constante destas pessoas, o que poderia interferir diretamente nas “qualidades” alcançadas pela cidade, os quais tornariam-se futuros “delinquentes” e “arruaceiros”, perturbando a ordem pública instituída na cidade.

Se torna, então, preocupação da administração pública, assistir a população de migrantes que aportam na cidade por motivos diversos. Essa assistência se transfigura em métodos de controle desse pessoal na tentativa de evitar que se acumulem as favelas e as demais conseqüências oriundas da modernização de todo centro Agro-industrial e comercial. Entre estas medidas podemos citar diversos convênios estabelecidos:

¹⁸ REIS, Eliane Campos. **Apenas de passagem**: o migrante sob a mira das práticas assistenciais do Albergue Norturno Ramatis. Uberlândia 1965-1980. 2000. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2000.

Área de abrangência dos convênios realizados entre Prefeitura Municipal de
Uberlândia e prefeituras de outras regiões*

REGIÃO SUDESTE	REGIÃO CENTRO-OESTE
S.P: Aparecida do Norte, Limeira, São José dos Campos, Ribeirão Preto.	D.F: Brasília, Taguatinga
M.G: Araguari, Abadia dos Dourados,	G.O: Anápolis, Catalão, Caldas Novas, Canápolis, Capinópolis, Coromandel, Corumbáiba, Goiânia, Ipameri, Pires do Estrela do Sul, Guarda Mor, Indianópolis, Rio, Piracanjuba, Orizona, Quirinópolis, Paracatu, Romaria, Monte Carmelo, São Simão, Cachoeira Dourada, Montes Claros, Patrocínio, Pirapora, Patos de Minas, Salinas, Posto J.K, Nova Ponte, Luziânia, Itumbiara.
Tapuira, Cascalho Rico, Gameleira, Guimarânia, Irai de Minas, Uberaba, Monte Alegre, Ituiutaba, Trevão, Santa Vitória, Ipiacu, Tupaciguara, Cachoeira Dourada.	
R.J: Rio de Janeiro.	

*Dados: SAM, Serviço de Atendimento ao Migrante. SMTAS. PMU

A partir dos contatos estabelecidos com outras prefeituras provenientes do convênio estabelecido e conforme a documentação do SAM, os critérios para aquisição de passagens são:

- Documentação
- Carência de 06 (seis) meses
- Baixa Renda
- Desempregados
- Casos de Doenças
- Problemas Familiares
- Empregos em outras Localidades
- Reencontros Familiares
- Retorno à Cidade de Origem
- Aposentadoria

Obs: No caso de não migrante, será realizada visita domiciliar para constatação ou não da necessidade.

*Fonte: SAM, Serviço de Atendimento ao Migrante. SMTAS. PMU

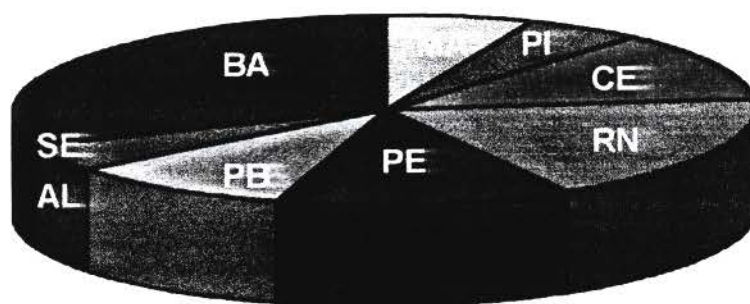
A partir desses dados, podemos constatar a existência de outros mecanismos que a prefeitura utiliza para evitar ao máximo a permanência de migrantes na cidade, enfatizando a preocupação em manter o controle sobre o fluxo migratório, os convênios realizados com diversas prefeituras de outros Estados limítrofes ao Triângulo Mineiro, objetivam manter aqui um simples ponto de passagem para esta gente, ou seja, estabelece-se uma política de escoamento de migrantes, evitando ao máximo sua permanência na cidade, para isto, a prefeitura viabiliza contatos com outras cidades, cedendo alimentação e passagens para os interessados. Quanto menor o número de pessoas de baixa renda que realmente venham efetivar moradia na cidade, menor será a preocupação e os gastos sociais/financeiros por parte do poder público, assim como, da elite local.

Apesar de ter traçado várias ações institucionais para controlar o número de migrantes na cidade, o poder público local presenciou a entrada de um grande número de pessoas vindas de outras regiões do Brasil como por exemplo do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e de outros Estados do Sudeste. Dentre este público, o número de nordestinos nos apresentou relativa expressão numérica, despertando-nos um certo interesse em seu estudo.

Devido suas próprias condições sociais, os nordestinos transformaram-se em retirantes “forçados” de seus locais de origem, impulsionados por conseqüências quase que inerentes à suas vidas, e, diante desse quadro de “predestinação”, o nordestino veio parar na cidade de Uberlândia em busca, entre outras coisas, de melhoria de vida.

Os números a seguir nos evidencia uma forte corrida de nordestinos para esta cidade:

População Nordestina em Uberlândia



Legenda:

Bahia	1179 migrantes
Rio Grande do Norte	719 migrantes
Pernambuco	501 migrantes
Ceará	460 migrantes
Paraíba	389 migrantes
Maranhão	248 migrantes
Piauí	210 migrantes
Alagoas	188 migrantes
Sergipe	15 migrantes
Total	3.909 migrantes

População total de Uberlândia



Fonte: IBGE, 1991

Foi nesse contexto de fluxo migratório que o país se estabeleceu e se viu impregnado por uma miscigenação aliada às diversidades culturais e regionais. Nele, a agitação secular dos agentes sociais estiveram marcando presença e, ainda hoje, nos deparamos com suas realizações que, conscientes ou não, contribuem, de uma forma ou de outra, na reelaboração da cultura popular, fazendo surgir novas condicionantes para a sua presença/ renovação na sociedade atual.

Condição climática, realidade construída ou imposta, além das prerrogativas de uma sociedade encravada nas diferenças sociais e regionais, tal é, na verdade, toda a problemática da identidade social do nordestino migrante. Inserido no seio do universo social por meio das reações que sobre ele suscita, esta questão permeia toda a existência do migrante nordestino.

Neste cenário, surgiu a Associação dos Nordestinos em Uberlândia – ANUDI – em 1989. Uma instituição que se concretizou em meio à contravontade da prefeitura, na ânsia de congregar forças para a luta de inserção e manutenção dos valores nordestinos, além de agir enquanto extensão assistencialista para os novos conterrâneos que aqui chegassem.

A associação dos Nordestinos em Uberlândia (ANUDI) surgiu em 27 de Outubro de 1988, fundada através de uma diretoria composta por nordestinos natos, na qual propunha uma organização sem fins lucrativos e assistencialista, na intenção de fornecer subsídios de apoio àqueles que se sentissem na necessidade do amparo.

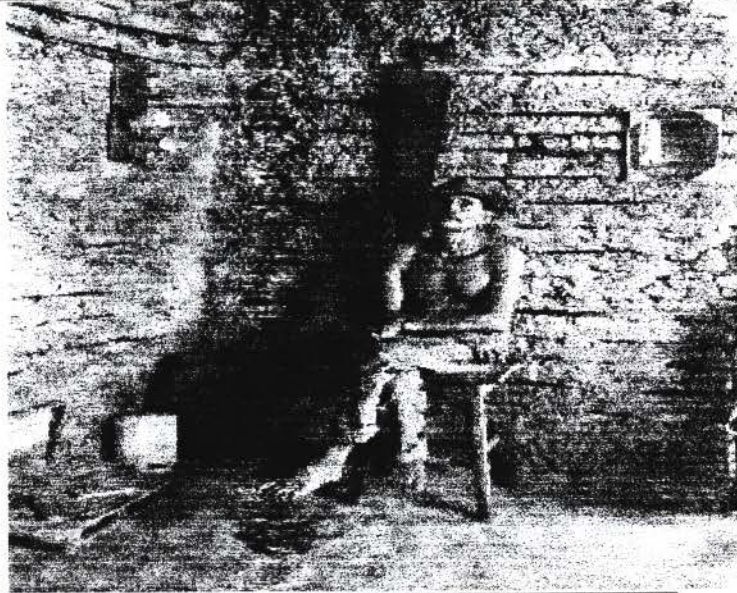
“ cheguei em Uberlândia em 1987, conheci um nordestino aqui. Foi uma invenção dele criar a Associação dos Nordestinos aqui. Eu achei que seria uma coisa importante que eu sempre gostei de fazer alguma coisa que ajudasse ao outro. Então ele deu essa idéia, vamos criar a Associação dos Nordestinos, aí nós vamos poder dar uma assistência aos nordestinos que chegam em Uberlândia. Foi criada a Associação. De repente, sem mais nem menos, esse rapaz sumiu da cidade. Não sei porque que ele anoiteceu e

não amanheceu. Era um rapaz novo, advogado. Foi embora. Tivemos que convocar uma reunião urgente com a diretoria para compor uma nova diretoria, e foi aí que inventaram que eu tinha que ser o novo presidente, e eu não queria, mas acabei concordando. Aí a gente vem pensando com isso aqui até hoje. Eu lutei muito pela Associação. Só que eu tive muita dificuldade de concentrar os nordestinos, eu pensava que era fácil chamar os nordestinos, aí eu encontrei muita dificuldade. Hoje nós temos uma diretoria que pode se dizer homogênea.”¹⁹

O foco principal de nossa pesquisa se estabelece na associação por percebermos a importância e as vontades desta instituição em criar seu espaço social, aglutinando valores, crenças, assistencialismo, manifestações populares, festas, reuniões entre outras atividades, buscando, de certa forma, um enraizamento sócio/cultural no interior da sociedade uberlandense. A seguir investigaremos se a associação surge com o intuito de estabelecer resistências às relações de poder traçados e implementados pelas políticas municipais.²⁰

¹⁹ Lima, José Pedro de. Depoimento registrado Maio/2001.

²⁰ Sobre as relações de poder estabelecida no interior das relações humanas ver: FOUCAULT, Michel. **Por uma genealogia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1977.



CAPÍTULO II

ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS:

A Luta pela Garantia de um Espaço?

A descentralização administrativa foi uma das bandeiras políticas que vigorou no país durante os anos 80 em função da reabertura político-administrativa nas relações coercitivas Estado X Sociedade instaurado a partir do golpe militar de 1964. A nova possibilidade de dar vida às vontades civis, impulsionou o crescimento das articulações sociais democratizando as participações populares junto às diversas instituições representativas do Estado, disseminando esta prática política por todo o país, principalmente, nas localidades em que as forças partidárias do PMDB estavam à sua frente. Desse modo, vários grupos político-partidários aderiram à esta corrente sócio-política na intenção de se garantirem no poder do Estado, dirigindo o processo de redemocratização, dando ênfase às estratégias de diluição das contradições sociais, apaziguando as lutas no interior de cada classe social, uniformizando os desejos e interesses da sociedade na tentativa de estabelecer possíveis diálogos entre os agentes sociais e o Estado gestor.¹

A cidade de Uberlândia elege na década de 80 como prefeito (1982-1988) um político do PMDB que estabelece em sua gestão uma novidade administrativa, o projeto político local, vai ao encontro de um projeto político mais amplo, ou seja, a adesão do PMDB a uma perspectiva social-democrata de administração nacional e sua estratégia para implementá-la a nível regional e/ou local: a democracia participativa.

¹ ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1938/1988. In: **REVISTA HISTÓRIA & PERSPECTIVA**. Uberlândia: UFU. Nº 4, 1991.

Alvarenga nos descreve com muita clareza as práticas políticas implementadas pela administração pemedebista liderados pelo prefeito Zaire Rezende:

“Os titulares da administração municipal formavam um grupo novo nas estruturas do poder político local que lutavam para sedimentar as bases do espaço que ia sendo aberto no bojo do processo de redemocratização que vivia o país. As articulações que possibilitaram a vitória eleitoral de 1982 iam desde o trabalho de base nos bairros periféricos até alianças com militantes locais do PDS em desavença interna com o partido, na conjuntura eleitoral. Foi uma administração que teve as linhas mestras de seu programa assentadas na participação popular e no atendimento das necessidades mais urgentes, das classes populares. O cumprimento, ainda que parcial, deste programa era condição indispensável para consolidar e garantir o apoio popular nas eleições vindouras. Por outro lado, as pressões dos grupos econômicos e políticos até então dominantes se fez fortemente, aliado à trama de interesses e favores que iam surgindo de parte a parte entre estes grupos, no interior mesmo das classes dominantes, (...) a nova fração das classes dominantes, no comando da administração municipal procedeu a articulações amplas: por um lado buscou consolidar o apoio das classes populares através de medida de porte populista da administração; por outro, fez alianças com setores mais modernos das classes dominantes, aqueles já organizados em grupos econômicos com suas atividades empresariais amplamente diversificadas.”²

Foi a partir dessa administração que se projetou e possibilitou a criação da Secretaria Municipal de Cultura, na qual ramificou suas seções como a Casa da Cultura, o Museu de Ofícios e o Arquivo Histórico. Assim, se tornou palpável, a partir dessas implementações, os projetos políticos locais que, de uma ou de outra forma tornaram possível dar voz à determinados grupos populares, pautados nos novos programas de “Democracia Participativa” que vigorou no período em questão.

“Articuladas as formas de organização do social, a administração só concebia reivindicações populares quando estas se expressassem por meio de Associações, referendando um princípio que no discurso era o de romper com as relações parterralistas, clientelistas, estimulando a participação efetiva dos

² ALVARENGA. Op. Cit.

cidadãos nas decisões governamentais. Foi, sem dúvida, este clima que propiciou a proliferação das Associações de Moradores, base de sustentação da política local nesta época, assim como as Associações Culturais, os Conselhos Municipais de Transporte, de Saúde, entre outros”³

Foi em meio a este cenário nacional e local que surgiu a implementação do projeto de criação da ANUDI -Associação dos Nordestinos em Uberlândia-, sendo viabilizada e oficialmente fundada em 1988:

“ cheguei em Uberlândia em 1987, conheci um nordestino aqui. Foi uma invenção dele criar a Associação dos Nordestinos aqui. Eu achei que seria uma coisa importante que eu sempre gostei de fazer alguma coisa que ajudasse ao outro. Então ele deu essa idéia, vamos criar a Associação dos Nordestinos, aí nós vamos poder dar uma assistência aos nordestinos que chegam em Uberlândia. Foi criada a Associação”.⁴

Através de um estatuto elaborado em 27 de Outubro de 1988, originou-se oficialmente a Associação dos Nordestinos em Uberlândia, sendo uma entidade civil e sem fins lucrativos, como nos mostra o seu capítulo I:

“Art. 1º A Associação dos Nordestinos em Uberlândia – ANUDI- fundada em 27 de outubro de 1988, é uma entidade civil, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, que terá duração por tempo indeterminado e que se regerá pelo presente estatuto.

Art. 2º A Associação dos Nordestinos, com sede no município de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, Foro em Uberlândia, tem por finalidade dar assistência social aos carentes da comunidade, com objetivo de proteger a saúde, através de doações de medicamentos e transporte dos doentes, combater a fome e a pobreza, como também ministrar cursos profissionalizantes.

Art. 3º A Associação dos Nordestinos poderá ter um regimento interno aprovado pela assembléia geral que disciplinará o seu funcionamento.

Art. 4º Para cumprir sua finalidade, a instituição poderá se organizar em unidade de prestação de serviços regido pelo regimento interno.”⁵

³ ABREU, Mauro W. de. **Folia de Reis: Fé e Resistência das tradições religiosas populares entranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia 1980-1997.** Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999, p. 52.

⁴ Lima, José Pedro de. (Sr. Lima) integrante da atual diretoria e ex-presidente e fundador da Associação dos Nordestinos em Uberlândia. ANUDI. Maio/01.

⁵ **Estatuto da associação dos Nordestinos em uberlândia.** Uberlândia: 1988, p. 01.

O que presenciamos neste documento da Associação dos Nordestinos em Uberlândia, a exemplos de outros diversos estatutos, é sua finalidade de estabelecer normas, direitos e deveres dos diretores e associados, demarcando os laços de responsabilidades, não só cultivando a própria característica nordestina de ser, mas também para garantir o bom andamento da instituição.

“Capítulo II:

Dos Sócios

Art. 5º A Associação dos Nordestinos é constituída por número ilimitado de sócios, distribuídos em categorias (fundadores, benfeitores, honorários, contribuintes e outros.)

Art. 6º Os sócios em dias com suas obrigações sociais terão os direitos:

- I- Votar e ser votado para os cargos eletivos*
- II- Tomar parte nas assembléias gerais*
- III- Participar das reuniões da diretoria*

Art. 7º Os sócios terão os deveres:

- I- Cumprir as disposições do Estatuto e do Regimento Interno*
- II- Acatar determinação da diretoria.*

Art. 8º Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente pelas obrigações da instituição.”⁶

A associação se constituiu legalmente para fazer-se reconhecida com o fim não só de arrecadar recursos e donativos, mas também de estabelecer-se enquanto órgão social respeitado e atuante na cidade. Assim, seu estatuto outorga um papel administrativo meramente burocrático;

“CAPÍTULO III:

Da Administração

Art. 9º A Associação dos Nordestinos será administrada por:

⁶ Estatuto, Op. Cit, p. 01-02.

- I- *Assembléia Geral*
- II- *Diretoria*
- III- *Conselho Fiscal*
- Art. 10º *A assembléia geral é o órgão soberano da instituição, sendo constituído de todos os sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.*
- Art. 11º *Compete à Assembléia Geral:*
 - I- *Eleger a diretoria e o conselho Fiscal*
 - II- *Decidir sobre as reformas do Estatuto*
 - III- *Decidir sobre a extinção da entidade e o destino de seu patrimônio*
 - IV- *Decidir sobre a conveniência de alienar, transgredir, hipotecar ou permutar qualquer bem do patrimônio*
 - V- *Aprovar o Regimento Interno. (...)*
- Art. 16º *Compete à Diretoria:*
 - I- *Elaborar e executar o programa anual de atividades*
 - II- *Elaborar e apresentar, à assembléia geral, o relatório anual*
 - III- *Entrosar-se com as instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum.*
 - IV- *Contratar e demitir funcionários. (...)*
- Art. 25º *Compete ao Conselho Fiscal:*
 - I- *Examinar os livros de escrituração da entidade*
 - II- *Examinar o balancete semestral apresentado pelo tesoureiro, opinando à respeito*
 - III- *Apreciar os balanços e inventários que ocupam o relatório anual da diretoria*
 - IV- *Opinar sobre a aquisição e alienação de bens.*"⁷

O documento em estudo nos evidencia uma característica tipicamente burocrática, uma iniciativa tão somente com caráter de legalizar a Associação, onde não se estabelece com clareza as preocupações de âmbito cultural. Não contém no estatuto artigos referenciando uma postura voltada para a manutenção dos valores e manifestações populares tipicamente nordestinas.

Podemos entender que o estatuto da Associação se propõe, enquanto documento, garantir um compromisso entre os associados, não só com práticas assistencialistas à comunidade carente, como também de aperfeiçoar a mão-de-obra nordestina para o mercado de trabalho na cidade, ou seja, tem como interesse primordial, a busca do respeito

⁷ Ibidem., p. 02-05.

e a devida aceitação da mão-de-obra nordestina em Uberlândia Para isso o órgão se estabelece enquanto possibilidade de congregar os desejos de uma base, cujos fundadores julgam ser comum à todos os associados.

As reuniões estabelecidas entre os dirigentes da Associação revelam uma certa coesão de atividade e pensamento, tão somente, apresentando, em primeira instância, uma única e primordial preocupação, a conquista de espaço para estabelecer a sede da entidade juntamente com algumas práticas assistencialistas, como podemos constatar através da fala de um dos membros da diretoria:

“Os diretores eleitos num primeiro momento, não quiseram arregaçar as mangas e irem ao trabalho. Eu foi quem lutou para não deixar isto aqui morrer. Portanto, não se discutia muitas coisas em nossas reuniões. Se falava mais em conseguir uma sede própria, dinheiro, alimentos, remédios, somente. Não havia em nossas reuniões as disputas internas entre uns contra outros, pois, da realidade todos nós sabíamos, não tínhamos verba nem para convocar o povo nordestino.”⁸

Suas palavras nos remetem à idéia de que suas discussões perpassam apenas do ponto de vista financeiro, não demonstrando preocupação primordial no aprofundamento das questões políticas, culturais e sociais. Tal atitude pode espelhar os problemas conjunturais vividos na sociedade uberlandense, fazendo-se necessário o reconhecimento da Associação não só legalmente, mas também pelos futuros associados. Por outro lado, a instituição representa a própria vida e desejos do fundador, mesclando instituição/homem e a sua concepção de associação, o que podemos conferir no Artigo 2º do seu estatuto;

⁸ Lima, José Pedro de. fundador da Associação dos Nordestinos. Janeiro 2001.

“(...) tem por finalidade dar assistência social aos carentes da comunidade, com objetivo de proteger a saúde, através de doações de medicamentos e transporte dos doentes, combater a fome e a pobreza, como também ministrar cursos profissionalizantes.”⁹

A partir do estatuto, verificamos o caráter assistencialista assumido pela instituição. No entanto, não percebemos a existência de um elo de ligação criando diálogo e ajuda mútua entre a Associação dos Nordestinos e as demais instituições de caráter assistencialista da cidade como o Albergue Noturno Ramatis, Icasu, diversas Casas Espíritas, que são assistidos e subsidiados por verbas municipais, isto não quer dizer que muitos nordestinos não tenham sido atendidos por essas instituições. No entanto, é perceptível a intenção de que tais formas de atendimento pudessem ser realizadas exclusivamente pela Associação dos Nordestinos.

Após a legalização da Associação, a diretoria, através da pessoa do Sr. Lima (presidente), enviou vários documentos para a Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social –SETAS- a fim de angariar verbas, ficando muito tempo sem obter respostas. Porém, quando houve a interseção de um parlamentar da Assembléia Legislativa em Belo Horizonte, Geraldo Rezende, foi dirigido uma resposta para a Associação:

“A entidade não atende aos requisitos da Lei Mineira nº 11.870, de 01/08/94. Por outro lado, não é do interesse do Estado de Minas Gerais promover atos que estimulem o êxodo de nordestinos para a região de Uberlândia ou para qualquer outra região do Estado.

Por tais motivos, opino pelo indeferimento do pedido de registro.

Artur de Oliveira, Consultor Jurídico do SETAS.”¹⁰

⁹ Estatuto da Associação dos Nordestinos em Uberlândia. Uberlândia, 1988. p. 01.

¹⁰ Jornal O Triângulo. Uberlândia: 17/09/96. Parecer da Secretaria de Estado do Trabalho e Assistência Social - MG, sobre o pedido de cadastro da Associação para receber verbas subsidiadas pelo Estado.

Tomando as “dores” da Associação, o jornalista J. B. Coury, também nordestino, demonstra sua indignação perante tal resposta:

“Não podemos acatar e nem aceitar o parecer do ilustre consultor jurídico que, em sua consultoria analisa o pedido da Associação dos Nordestinos: Se a entidade não atende aos requisitos da lei mineira nº 11.870 de 01/08/95, tudo bem. Agora o seu comentário... ‘Por outro lado, não é do interesse do Estado de Minas Gerais promover atos que estimulem o êxodo de nordestinos para a região de Uberlândia...’. Ao que nos parece voltamos à idade da pedra e da escravidão: discriminação e aberração? É um absurdo!”¹¹

Quando perguntamos ao Sr. Lima se havia uma abertura de espaço para diálogo junto à Secretaria Municipal de Cultura e a Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social, ele nos responde:

“Sempre foi difícil o acesso, até mesmo para nos ouvir. Principalmente quando íamos pedir apoio ou ajuda para qualquer coisa que queríamos desenvolver na Associação. (...) Mas mesmo assim, com muito custo, de tanto ser irritado e irritar o prefeito Virgílio Galassi, nós conseguimos um terreno para iniciar as obras da sede própria”¹²

A luta pela conquista do terreno se coroa com a doação definitiva da área para que se instale a Associação, como nos evidencia a referida doação pela prefeitura municipal publicada no diário oficial do município:

¹¹ Matéria publicada no jornal ‘O Triângulo’ em 17/09/96 sobre o parecer do SETAS-MG referente ao pedido da Associação dos Nordestinos em Uberlândia.

¹² Depoimento registrado com o Sr. Lima, fundador da Associação dos Nordestinos. Janeiro 2001.

Atos do Poder Executivo

LEI Nº 4998 DE 14 DE NOVEMBRO DE 1989.

Desafeta do domínio público e autoriza o município a doar, à Associação dos Nordestinos em Uberlândia, o imóvel que especifica.

O povo do Município de Uberlândia, por seus representantes, aprovou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º — Fica desafetado do domínio público o lote 6G da Quadra 6, situado no Bairro Pacaembu, medindo 20,00 metros de frente e aos fundos por 72,10 metros de extensão dos lados; confrontando pela frente com a rua 3; pelo lado direito com área do Município; pelo lado esquerdo com o lote 6F e aos fundos com a rua 1, totalizando a área de 1.442,00 m².

Art. 2º — Fica o Município de Uberlândia autorizado a doar o imóvel descrito no artigo anterior à Associação dos Nordestinos em Uberlândia.

Parágrafo único — A doação destina-se à construção da sede da entidade e de uma creche, no prazo de 3 (três) anos, a contar desta Lei.

Art. 3º — Na escritura deverá constar cláusula de reversão do imóvel ao Município caso não seja cumprida a exigência estabelecida no parágrafo único do artigo 2º ou se houver desvio de finalidade ou, ainda, em caso de extinção da entidade a qualquer tempo.

Art. 4º — O imóvel doado será gravado de inalienabilidade, impenhorabilidade e impermutabilidade.

Art. 5º — As despesas com a escritura correrão por conta da Associação dos Nordestinos em Uberlândia.

Art. 6º — Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Uberlândia, 14 de novembro de 1989.

VIRGÍLIO GALASSI
Prefeito Municipal

FIGURA 1

A ANUDI oficializou-se em meio à uma administração municipal de caráter mais conservadora, onde não tinham como prioridades dar vazão aos desejos das minorias, principalmente, a um grupo de nordestinos aqui instalados. Tal como a posição do SETAS pensava-se que ajudando esse grupo, poderia ser traduzido em incentivo para que viessem mais nordestinos para cá.

Sendo plenamente contrário à sua gestão anterior, a prefeitura dirigida pelo Sr. Virgílio Galassi retoma os projetos políticos municipais priorizando as grandes construções/ obras de modo a traduzir suas preocupações e/ou interesses apontadas para outros vieses. Sendo assim, percebemos o desejo de neutralizar e controlar todas as formas de organização civil, principalmente as de cunho político e assistencialista, que não lhes fossem convenientes mantê-las respirando.

De acordo com as propostas político-administrativa da gestão municipal que teve início em 1989 e conseguiram se perpetuar até o ano de 2000, a ANUDI viveu em estado de inabilidade, como quem sobrevive em UTI, pois, não tinha força representativa e sem condições financeiras para se estruturar-se:

“Nós lutamos muito para poder chamar a participação dos nordestinos em Uberlândia, mas foi muito cansativo e difícil. Nesta cidade se encontra aproximadamente 20.000 nordestinos, se cada um contribuísse com a nossa ‘casa’ com cinquenta centavos, já seria o necessário para implementar tudo o que temos em mente, ajudar quem fosse preciso, e não seria somente os nordestinos não, a ajuda se estenderia aos demais necessitados também”¹³.

O nascimento da ANUDI já se deu em meio à um período político uberlandense permeado por características sociais bastante diferentes das práticas políticas implementadas durante boa parte dos anos 80. Por isso, a Associação dos Nordestinos

¹³ Depoimento do Sr. Lima. Op. Cit.

surgiu e viveu durante o seu primeiro mandato – 4 anos - com grandes dificuldades em continuar sobrevivendo, enfrentando crises de identidade, financeira, social, política, assistencialista. As barreiras enfrentadas pela instituição fica bem evidenciada quando procuramos na imprensa local por reportagens que pudessem referenciar a existência e atuação do órgão, o que não faz parte da preocupação e nem intenção da imprensa em divulgá-lo. Podemos perceber que se torna necessário abafar uma instituição como esta de cunho ideológico político e assistencial, pois, isto poderia incentivar a entrada de mais nordestinos na cidade, canalizando-os não somente do Nordeste como também das cidades vizinhas da região.

Diante do conturbado período de dificuldades que atravessou a ANUDI em seu primeiro mandato, a diretoria eleita em Fevereiro de 1993, veio atribuir um caráter mais amplo para o papel da entidade:

“eu me interessei em fazer parte da diretoria pois via sempre uma preocupação da Associação em arrecadar verbas, não importava de onde, o importante era conseguir dinheiro. Pra isso, o Sr. Lima corria muito atrás da administração do prefeito Virgílio Galassi e eu não concordava com essa prática. Uma instituição como essa é muito importante, sua atuação deve ser bem mais ampla, não deve se restringir a uma prática meramente assistencialista. Aí nós fomos eleitos para a diretoria, o Sr. Lima como presidente e eu como vice. Eu me empenhava em ampliar o leque de atuações, deveríamos atuar no âmbito assistencial, político, cultural, religioso - temos muitos padres, pastores e outros que são do Nordeste. Por isso eu via a importância de brigarmos com a prefeitura para fazer valer nossa Associação, e não somente recorrer a ela para pedir dinheiro. Devíamos lutar com a prefeitura para que criasse e respeitasse as políticas sociais para a cidade.”¹⁴

Percebemos a partir desse período uma atuação mais abrangente da entidade, recorrendo à empresários, partidos políticos, parlamentares, Universidade, sociedade civil,

¹⁴ Depoimento do Sr. Alcides de Melo, vice presidente da ANUDI durante o 2º mandato. 28/11/00.

na tentativa de soerguer o seu nome e, conseqüentemente, suas forças a fim de projetar a imagem e importância da Associação. Verificamos sua inserção na mídia local através do rádio, televisão e jornal, divulgando as principais idéias e convocando os nordestinos para cadastramento:

Nordestinos elegem nova diretoria

Uberlândia
Da Reportagem

A nova diretoria da Associação dos Nordestinos em Uberlândia (Anudi) tomou posse no último domingo. Com cerca de 2 mil associados, a Anudi trabalha com a assistência aos migrantes recém-chegados ou àqueles que já moram aqui, luta pela união da comunidade nordestina para solucionar ou amenizar as maiores dificuldades, promove a divulgação e preservação da cultura, desenvolve um trabalho conjunto com a migração, albergue e Sine e trata de questões de documentação e casa própria, além de lutar contra o preconceito e discriminação.

A Anudi é uma entidade assistencial devidamente regularizada no município. O cadastramento, em nível estadual, já foi encaminhado. "Depois, a Anudi será registrada nos órgãos federais para que passe a receber as subvenções a que tem direito", explicou o presidente José Pedro de Lima.

As obras de construção da sede estão em andamento. "O objetivo é terminar o salão para que se possam promover eventos para angariar recursos que serão destinados à conclusão da sede. O salão servirá



José Pedro de Lima preside novamente a associação

também para reuniões da comunidade e desenvolvimento de cursos profissionalizantes e outras atividades", salientou o vice-presidente Alcides Melo. A horta comunitária, que será implantada em breve, deverá fornecer alimentos mais baratos à comunidade nordestina e uberlandense.

Para o término das obras de sua sede, a entidade conta com doações do comércio e indústria, além de pequenas colaborações de associados e subvenções de órgãos públicos municipais e estaduais. Em

Uberlândia, estima-se que a população de nordestinos seja de 15 mil a 20 mil pessoas. Será feito um mapeamento para saber quantos são, onde e como moram, o que fazem cultural e profissionalmente. O bairro com maior concentração é o Luizote de Freitas. Há também muitas famílias nos bairros Santa Mônica, Tocantins e Liberdade. Em geral, a mão-de-obra nordestina é desqualificada e trabalha em subempregos (serventes, caseiros de fazendas, sítios e chácaras), guardas de obras, entre outros.

Recadastramento

O recadastramento das famílias está sendo feito pela entidade para estabelecer contato mais direto, principalmente para solucionar os problemas comuns a estes migrantes. Segundo Melo, a Anudi não tem a intenção de estimular a migração para a cidade. "Não queremos esvaziar nossa região natal. Uberlândia é pólo de migração, não só de nordestinos, por sua posição geográfica privilegiada", explicou.

Para o ano de 93, a Anudi tem uma vasta programação, já definida, que visa tornar a entidade num órgão de verdadeira utilidade pública, com ações que tragam benefícios a toda população uberlandense.

A associação desenvolverá contato com os associados, órgão públicos e imprensa, a comunidade em geral, além da promoção de eventos que divulguem a cultura nordestina, a melhoria nas condições de vida dos migrantes, entre muitas outras metas. Haverá reunião em cada último domingo do mês, na sede da Anudi, na rua Abílio Ferreira Diniz, 185, bairro Pacaembu. Maiores informações poderão ser obtidas pelos telefones 215-1928 e 235-2769.

FIGURA 2

Nos anos 90, a instituição mobilizou-se para conseguir subvenções municipais, estaduais e federais na proposta de construir a sede própria e implementar os trabalhos objetivados desde sua fundação. Ao ter seu cadastro reconhecido pelos órgãos estaduais teve publicado no diário de Minas Gerais os extratos de seu Estatuto:

EXTRATO DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA-ANUDI. A Associação é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com sede em Uberlândia e tem como finalidade assistencial, filantrópica e de defesa dos direitos dos associados e de seus interesses classistas. A Diretoria será composta de 01 Presidente, 01 Vice-Presidente, 01 Diretor Financeiro, 01 Secretário e 03 Diretores Sociais, com mandato para 02 anos. Em caso de extinção da Anudi seus bens reverterão a uma entidade congênera ou de assistência social, a critério da Diretoria. Uberlândia, 01/11/1988.

FIGURA 3

A Associação dos Nordestinos em Uberlândia foi intensificando sua atuação perante os órgãos públicos e os parlamentares municipais e estaduais, conquistando um pequeno espaço na cidade, seguiu criando projetos para na tentativa de conseguir subvenções. Através do Deputado Estadual Geraldo Rezende, é criado um projeto de lei em 1993 para conseguir declarar de utilidade pública a existência da entidade em Uberlândia:

PROJETO DE LEI Nº 1.424/93

Declara de utilidade pública a Associação dos Nordestinos em Uberlândia - ANUDI -, com sede no Município de Uberlândia.

A Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais decreta:

Art. 1º - Fica declarada de utilidade pública a Associação dos Nordestinos em Uberlândia - ANUDI -, com sede no Município de Uberlândia.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Reuniões, 25 de maio de 1993.

Geraldo Rezende

Justificação: A Associação dos Nordestinos em Uberlândia - ANUDI - tem-se destacado naquele município entre as demais instituições que prestam serviços ao público.

De caráter assistencial, a entidade foi fundada há mais de dois anos e é dirigida por uma diretoria formada por pessoas idôneas, que não recebem nenhuma remuneração pelos cargos que exercem.

Por acreditar nos benefícios que a entidade traz àquele município, apresentamos este projeto e solicitamos apoio de nossos pares à sua aprovação.

- Publicado, vai o projeto às Comissões de Justiça, para exame preliminar, e de Saúde e Ação Social, para deliberação, nos termos do art. 195, c/c o art. 104, inciso I, do Regimento Interno.

FIGURA 4

Após a publicação do projeto de lei em Maio de 1993, tornou-se possível canalizar verbas subvencionadas pelo Estado, por intermédio do mesmo parlamentar, onde a entidade é beneficiada pela primeira vez em Setembro do mesmo ano:

Geraldo libera CR\$420 mil para três entidades sociais

Geraldo Rezende liberou durante o mês de julho CR\$420 mil para três entidades que atuam na área social em Uberlândia. A Associação dos Pais e Amigos do Excepcional (APAE) foi agraciada com uma verba de CR\$270 mil, que será utilizada para agilizar a conclusão da sede própria da entidade.

O Grupo de Amigos do Tocantins recebeu uma verba de CR\$100 mil e vai investir o dinheiro na ampliação da horta comunitária que atende os moradores do bairro. Por sua vez, a Associação dos

Nordestinos de Uberlândia foi beneficiada com uma verba de CR\$50 mil e vai dar início à construção da sede própria da entidade.

Geraldo Rezende ressaltou que as três entidades realizam um trabalho de grande importância social em Uberlândia. "Nós sempre procuramos ajudar aquelas entidades que são compostas por pessoas honestas e que se propõem a trabalhar em prol das comunidades mais carentes da nossa cidade", afirmou o deputado.



O Presidente da Associação dos Nordestinos de Uberlândia, José Pedro de Lima, recebe o cheque de CR\$50 mil das mãos de Geraldo.

(FIGURA 5)

A instituição ao assumir uma característica diferenciada durante os anos 90, estabelece uma política voltada para o cadastramento em massa dos nordestinos na cidade, na tentativa de se tornar atuante e desenvolver práticas que abarquem um leque maior de opções como festas e reuniões político-partidárias, fugindo do caráter meramente assistencialista. Dá início a uma campanha publicitária articulada através de cartazes tratando de buscar e efetivar um envolvimento com o público nordestino na cidade:

Figura 5: Geraldo Libera Verbas. Informativo Geraldo Rezende. Uberlândia: Setembro/93.



APOIO

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA / PMU

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO / UFU

DIVISÃO DE CULTURA / UFU



A ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA
QUER SABER QUANTOS SÃO, ONDE ESTÃO E O QUE
FAZEM OS NORDESTINOS NESTA CIDADE. PROCURE-NOS!

ANUDI - ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA
R. ABÍLIA F. DINIZ, Nº 185 (ANTIGA R. 1)
BAIRRO PACAEMBU

Verificamos que a Associação dos Nordestinos surgiu em Uberlândia durante um período político em que as atribuições do município estavam voltadas para a retomada das características mais conservadoras e coronelistas, diferenciando-se politicamente das características do prefeito que antecedeu sua criação, originando um entrave direto da instituição para manter-se sobrevivendo. Porem, mesmo em laços de difícil diálogo, como notamos na fala do Sr Lima anteriormente, foi durante essa administração que a Associação conseguiu o terreno, legitimando, com isso, sua existência e sua persistência no meio político do município.

A Associação dos Nordestinos teve sua diretoria recomposta durante o mês de Fevereiro de 2001 quando aconteceu um novo processo eleitoral. Para entendermos a composição da nova diretoria se torna necessário compreendermos também, a administração municipal que iniciou sua gestão em Janeiro de 2001.

As eleições municipais acontecidas durante o ano 2000 possibilitaram a vitória da oposição, através de uma composição político-partidária constituída através de diversos setores da sociedade uberlandense, formulando um bloco pluripartidário, genérico e ramificado ideologicamente em diversas plataformas políticas.

É importante destacar o papel de atuação da atual gestão, ao ter conseguido derrotar nas urnas a força política instalada desde 1989. O prefeito Zaire Rezende reeleito em 2000, assume uma atitude diferenciada daquela vivenciada durante os anos 90, pautada no discurso da “Democracia Participativa”, ou seja, ele retoma um projeto político que fora rompido ao final de seu mandato em 1988. Não pretendemos glorificar o papel da atual administração, mesmo porque, já citamos anteriormente a sua atuação de controle e dirigismo da população através de suas práticas ideológicas.

No entanto, é importante percebermos a constituição da atual gestão e traçarmos um paralelo com a diretoria da Associação dos Nordestinos. Esta teve sua formação pela comunhão de pessoas diretamente envolvidas na administração do prefeito Zaire Rezende. Os atuais diretores da Associação dos Nordestinos são pessoas que ocupam cargos importantes dentro da prefeitura. Assim, esta nova diretoria iniciou seu mandato através de uma abertura de trabalho e atuação junto à prefeitura. Isto se evidencia pela facilidade que alguns diretores encontram por ocuparem cargos de destaque na administração municipal, ampliando o leque de captação de recursos, de diálogo e de apoio nos vários setores do poder público municipal, ramificando também, os objetivos da instituição em sua nova fase.

“...A Associação agora poderá desenvolver milhares de atividades congregando os valores nordestinos, atuando diretamente na cidade a fim de estabelecer um papel social, assistencial, cultural e político, porque faz parte de nossa vontade erguer uma pessoa para que seja possível sua candidatura para a câmara municipal depois estadual e etc, assim iremos garantir que nossos objetivos na cidade passem a ser preocupação coletiva para que possamos manter viva uma identidade cultural através da Associação...”¹⁵

A nova diretoria direciona seu papel para uma composição mais politizada visando atingir as ideologias da instituição, preocupando em ampliar sua área de atuação para toda a região do Triângulo Mineiro:

“Fortalecimento Político da Entidade:”
“...Vamos nos estruturar politicamente em Uberlândia e, sobretudo na região, disseminando Associações de Nordestinos nas principais cidades do Triângulo Mineiro. É nossa intenção, depois, criar uma federação das Associações de Nordestinos no Triângulo Mineiro para interceder mais incisivamente nos municípios, lutando diuturnamente contra o preconceito,

¹⁵ MELO, Alcides de. Entrevista realizada na Prefeitura de Uberlândia, onde trabalha. É o atual presidente da Associação dos Nordestinos. Uberlândia. Março de 2001.

atuando no sentido de fazer representantes nas Câmaras Municipais, Associações de Moradores, Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, sobretudo, participando ativamente das lutas por melhor distribuição de terra, renda e geração de empregos."¹⁶

A nova roupagem que assume a diretoria da Associação dos Nordestinos tenta viabilizar como prioridades a expansão da entidade, dos associados e das atividades desenvolvidas.

"Existe hoje na região do Triângulo Mineiro, mais de 150 mil nordestinos natos. Somente em Uberlândia vivem mais de 20 mil. São cidadãos oriundos de todos os Estados do Nordeste e estão presentes nos diversos segmentos da sociedade. Atualmente podemos contabilizar inúmeros nordestinos, professores universitários, jornalistas influentes, produtores culturais, profissionais liberais em todas as áreas de atividade econômica, notadamente nos setores de prestação de serviços e da construção civil.

Os nordestinos do Triângulo Mineiro se constituíram, ao longo dos anos, numa grande força propulsora de desenvolvimento regional. Por advirem de uma região bastante rica culturalmente, os nordestinos aqui radicados trouxeram consigo as mais diversificadas tendências e aptidões artísticas. Hoje, isto é muito evidenciado na música, na dança, na poesia e, sobretudo, na culinária típica nordestina.

*Considerando esta grande diversidade cultural é que o CTCNTM (Centro de Tradições Culturais Nordestinas do Triângulo Mineiro) encontra a razão para existir. O objetivo é descobrir, agrupar e divulgar as habilidades nordestinas no Triângulo Mineiro. Portanto, são palavras chaves do CTCNTM: **preservar e irradiar** a cultura nordestina aqui localizada. Preservar, no sentido de proteger, coservar; e irradiar, no sentido de divulgar..."*¹⁷

A proposta em criar o Centro de Tradições Culturais Nordestinas no Triângulo Mineiro –CTCNTM- se irradia num contexto político-cultural mais amplo, tendo em vista que o raio de atuação das atividades sugeridas alcançarão a região do Triângulo Mineiro. Por sua vez, não irá afastar ou diminuir a importância da Associação em Uberlândia, tendo

¹⁶ ELEIÇÕES PARA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS. **Panfleto de campanha da Chapa Bocapiu** Uberlândia: Fevereiro/2001. p.04.

¹⁷ ELEIÇÕES. Op. Cit., p. 03..

em vista o desejo dos seus diretores em congregar forças para fortalecerem politicamente, buscando respaldo de um número cada vez maior dos nordestinos na região.

Ao desenvolverem o primeiro jornal da entidade, fica evidenciado o início do trabalho da atual gestão, no sentido de trazer ao conhecimento público a existência da entidade na cidade, criando um canal de veiculação e de comunicação entre a Associação e a sua base, alcançando, também, a comunidade em geral.

ANO 1 – Nº 001 – UBERLÂNDIA-MG

(FIGURA 7)

Jornal dos NORDESTINOS

INFORMATIVO DA ANUDI – ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA

A partir de agora, você receberá todo mês, o jornal de nossa Associação. Esperamos que você goste e divulgue as nossas tradições. A nossa intenção é mantê-lo(a) informado(a) sobre tudo que se passa na comunidade nordestina em Uberlândia: festas, almoços de confraternização, reuniões, eventos, entre outros. Participe! Dê sugestões!



Obras de ampliação da sede social da ANUDI, no Bairro Pacaembu.

A Associação dos Nordestinos sobrevive de doações. Por isso, é importante que os nordestinos em Uberlândia – dentro de suas possibilidades – contribuam de alguma forma para a entidade. Seja financeiramente, com o mínimo possível, ou mesmo, através da força de trabalho de cada um (principalmente os pedreiros, eletricitas, encanadores e serviços gerais), ou até intelectualmente, propondo a execução de eventos, promoções diversas, entre outros.

Atualmente, estamos dando continuidade ao projeto de ampliação da sede social (foto), situada na Rua Wilson Pantaleão nº 142, no Bairro Pacaembu, com o apoio da Secretaria Municipal de Obras (Secretário Orlando Resende) e Secretaria Municipal de Educação (Secretário José Eugênio). Estamos em vias de construir uma sala para o curso de alfabetização de adultos (que hoje funciona precariamente no salão de festas) e uma cozinha comunitária, para atender as necessidades promocionais da Associação. Para tanto, estamos programando um grande mutirão de final de semana para fazer alicerces, levantar e rebocar paredes, etc. Na oportunidade faremos um "cozido", para compensar o esforço voluntário dos conterrâneos. As pessoas que, por algum motivo, não puderem participar diretamente do mutirão, poderão colaborar com o mesmo, pagando um dia de serviço de um pedreiro, hoje em torno de R\$ 15,00. O importante é participar.

A sede da Associação dos Nordestinos em Uberlândia, fica no Bairro Pacaembu, na Rua Wilson Pantaleão nº 142. As reuniões de Diretoria são realizadas sempre no primeiro domingo do mês, às 15 horas e são abertas aos públicos. Os filhos dos nordestinos também podem participar da Associação. Apareça lá!

FIGURA 7: INFORMATIVO DA ANUDI. **Jornal dos Nordestinos**. Uberlândia: Março/2001. Nº 01.

O diálogo entre os diretores e as pessoas interessadas em procurá-los, passa a assumir um papel de descentralização administrativa da entidade e, para que se torne fácil o contato, elaboraram um panfleto para ser distribuído, com o nome, telefone e cargos dos membros da diretoria da Associação visando agilizar o diálogo entre entidade e sociedade.

NOMES, ENDEREÇOS, TELEFONES E CARGOS DOS MEMBROS DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA – ANUDI –

Nº	NOME COMPLETO	ESTADO	FONE / CASA	CARGO	ENDEREÇO	TRABALHO
1	ALCIDES Melo da Silva	Sergipe	3235 1891	Presidente	Rua Lambari 281, aptº 302 –Oswaldo	3235 6966
2	VALDEMIR Aires Magalhães	Maranhão	9969 1257	Vice-Presid.	Rua Ceará 850 – N.S. das Graças	3211 2229
3	Maria BETANIA de Souza	R.G. Norte	3215 4333	1º Secretária	Rua Raimundo Justino 145-Roosevelt	32394859
4	Maria de FÁTIMA Pereira de Souza	Ceará	3215 4133	2ª Secretária	Praça Lincoln 103 – Roosevelt -	3215 4133
5	ALZEMI Dantas	Paraíba	3237 7391	1º Tesoureiro	Rua Maria C. Carvalho 112, Ma. Rezende	99662887
6	JOSÉ CARLOS Miranda	Bahia	3238 1018	2º Tesoureiro	Rua Caiapó 69 - Taiaman	
7	VICENTE da Rocha Soares Freitas	Piauí	91210832	1º Cons. Fisc.	Rua Domingos de Freitas 1077.S.Mônica	32392631
8	RENATO Nogueira de Oliveira	Bahia	3215 3017	2º Cons.Fisc.	Rua Rubens de Freitas 899, Pacaembu	3239 2483
9	José Cláudio da Silva (J. CLÁUDIO)	Pernamb.		3º Cons.Fisc.	Av. Rio Branco 554 - Centro	
10	Geraldo Basílio de Macedo(SARNEY)	R.G.Norte	32102732	1º Suplente	Rua Virgilina L. Martins 52 - Pacaembu	
11	IVAN da Silva Nunes	Alagoas	32173557	2º Suplente	Rua Oscar Gomes M. Jr.1140- Tubalina	
12	José Pedro de Lima (SR. LIMA)	R.G.Norte	3234 6174	Dir. Social	Rua Abília Ferreira Diniz 185- Pacaembu	
13	ABRÃO Nunes da Silva	Filho Nor.	3217 2085	Dir. Obras	Rua Rogério de Souza 213 - Tocantins	
14	Francisco F. Alves Pereira (CHICÃO)	Ceará	9993 4344	Dir. Eventos	Rua Estrela do Sul 230 - Martins	
15	Luiz CAYMMI	Bahia	99694748	Dir.Eventos	Av.Serra do Espinhaço 749-A SãoGabriel	3210 6636
16	José Santos (ZÉ SANTOS)	Sergipe	3237 6493*	Dir.Eventos	Rua Clésio Migueleto 290 - Roosevelt	
17	CARMEM Simões de Araújo	Pernamb.	3215 3524	Dir. Alf.Adulto	Rua Abília Ferreira Diniz 76, Pacaembu	
18	Maria de FÁTIMA Delfino	Pernamb.	3215 3624*	Dir. Alf.Adulto	Rua Abílio Ferreira Diniz 36, Pacaembu	

(FIGURA 8)

Se torna perceptível o caráter de politização que permeia o eixo das projeções e dos desejos da entidade através das novas metas traçadas. No entanto, podemos perceber, também, que esta prática expansionista só se torna viável perante a existência da administração municipal que facilita tais ações, permitindo que haja a implementação das articulações necessárias para sua atuação na cidade. Fica evidente que somente através do uso da máquina administrativa municipal, os diretores da Associação conseguem recursos e espaços para atuarem na sociedade; atuação esta, iniciada durante a campanha eleitoral para a prefeitura da cidade. Portanto, A Associação dos Nordestinos “cooptada” com o bloco da oposição nas campanhas eleitorais de 2000, conseguem o seu passaporte para a auto-reestruturação no momento em que é anunciada a vitória do prefeito que eles apoiaram. Ainda, no mesmo bojo de cooptação política, foi elaborada uma chapa para compor a diretoria da entidade, formada por nordestinos que ocupam cargos importantes na máquina administrativa do município e, concorrendo com chapa única, o que coroou a sua vitória nas eleições para a diretoria um mês após a posse do novo prefeito.



(FIGURA 9 – PARTE I)

Chapa **BOCAPIU**

O BOCAPIU, na linguagem matuta, nordestina, é uma mochila feita de vários materiais, entre eles o sisal, a palha de coqueiro, a palha da palmeira do coco babaçu. É um utensílio artesanal, com muitas utilidades. Serve para transportar pertences pessoais, compras, ferramentas de trabalho e também para guardar alimentos e coisas de valor sentimental, como lembrancinhas, recordações, retratos, documentos, entre tantas utilidades.

A Chapa BOCAPIU tem tudo a ver com isso.
É uma grande sacola cheia de experiências migrantes.
Um por todos. Todos por um.

Chapa Bocapiu

- Presidente:** Alcides Melo da Silva (Sergipe)
Vice-Presidente: Valdemir Aires Magalhães (Maranhão)
1º Secretário: Maria Betania de Souza (Rio Grande do Norte)
2º Secretário: Maria de Fátima Pereira de Souza (Ceará)
1º Tesoureiro: Alzemi Dantas (Paraíba)
2º Tesoureiro: José Carlos Miranda (Bahia)
1º Conselheiro Fiscal: Vicente da Rocha Soares Freitas (Piauí)
2º Conselheiro Fiscal: Renato Nogueira de Oliveira (Bahia)
3º Conselheiro Fiscal: José Cláudio da Silva (Pernambuco)
1º Suplente: Geraldo Basílio de Macêdo (Rio Grande do Norte)
2º Suplente: Ivan da Silva Nunes (Alagoas)

Diretoria Social:

José Pedro de Lima (Rio Grande do Norte)

Diretoria de Obras:

Abrão Nunes da Silva (Filho de Nordestinos)

Diretoria de Eventos:

Francisco Francisvaldo Alves (Ceará)

Luiz Caymmi (Bahia)

José Santos (Sergipe)

Diretoria do Programa de Alfabetização de Adultos

Carmem Simões de Araújo (Pernambuco)

Maria de Fátima Delfino (Pernambuco)

(FIGURA 9 – PARTE II)

Figura 9 – parte I e II: ELEIÇÕES PARA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS. Panfleto de campanha da Chapa Bocapiu Uberlândia: Fevereiro/2001.

As primeiras propostas de trabalho são encaminhadas logo em seguida a posse, como: reuniões nos bairros para cadastramento de nordestinos e criação de núcleos da associação em diversas regiões da cidade. O acontecimento da festa junina na *oficina cultural*¹⁸ tipicamente nordestina, explorando sua culinária, música, dança e religiosidade. As inserções na mídia local, através do rádio divulgando as atividades culturais da entidade. A busca de um espaço no projeto *forró na praça*¹⁹ a fim de constituir forças na tentativa de participar ideologicamente do projeto.

Através de várias atividades já implementadas pela nova diretoria, percebemos uma comunhão em sua estrutura organizacional, corroborando com as práticas desempenhadas pela prefeitura, transformando e/ou implementando, subjetivamente, a Associação em um prolongamento político ideológico da prefeitura, ou seja, através de mecanismos sociais controlados, as decisões políticas e administrativas da cidade traduzem-se na congregação de um envolvimento de todos²⁰, através de associações organizadas ou não. A partir da distribuição de tarefas, direitos, executa-se a atribuições de controle, deveres, alcançando um possível patamar de progresso *humanizado*.

A Associação dos Nordestinos assume o papel de estruturar-se na cidade enquanto órgão cultural, assistencial, político-ideológico humanizado, associando-se às práticas políticas advindas da atual gestão municipal. O próprio espaço conquistado pela entidade junto ao poder público, representa os novos universos ideológicos a serem alcançados. Contudo, mesmo nessa perspectiva, fica latente a importância política desempenhada pela Associação, através da atual diretoria, enquanto órgão representativo que vem galgando

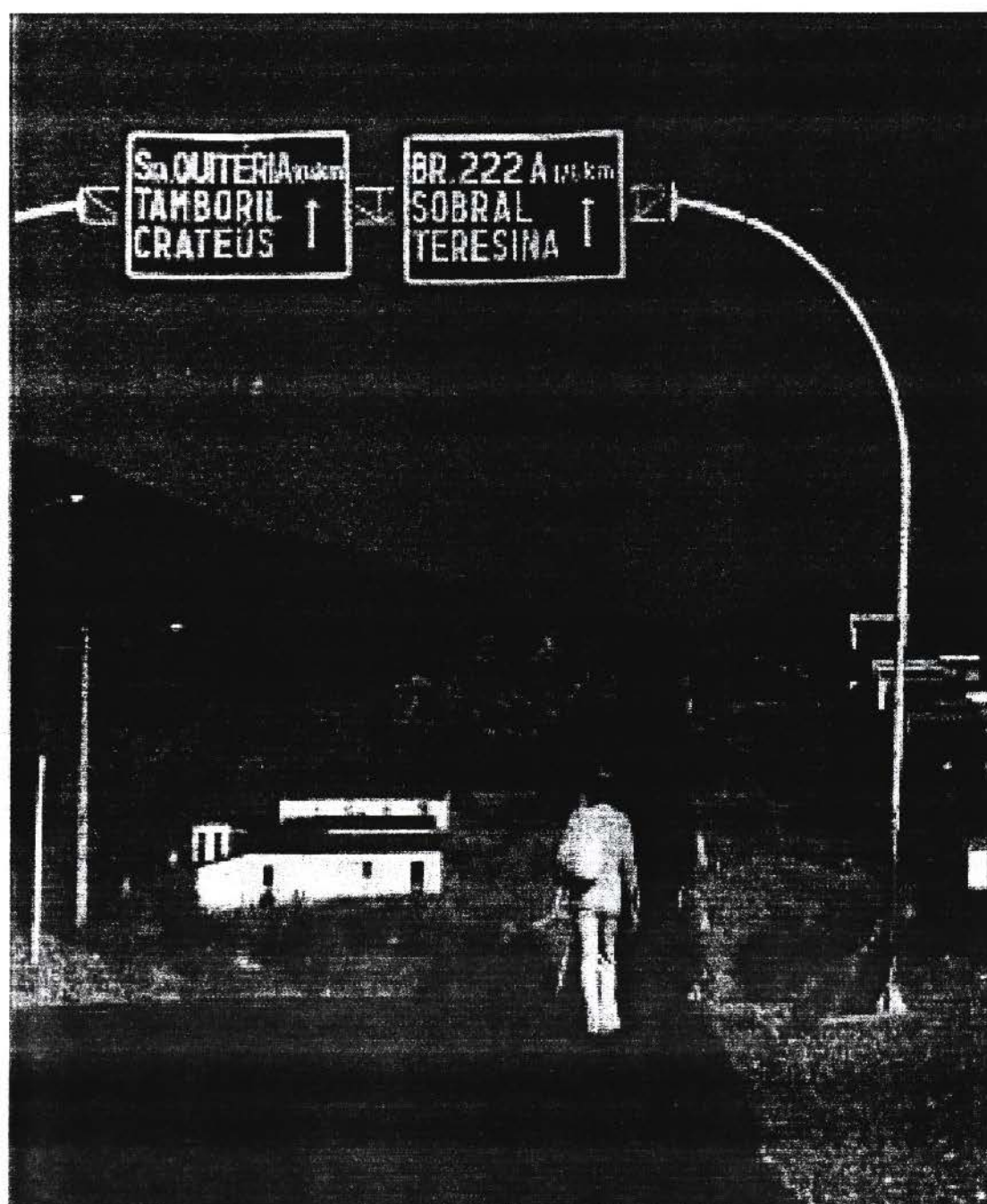
¹⁸ Espaço criado pela Secretaria Municipal de Cultura para atividades culturais das mais diversificadas formas

¹⁹ Projeto mantido pela Secretaria Municipal de Cultura onde quinzenalmente realiza-se uma festa com forró numa praça da cidade, aberta ao público em geral. É frequentado por nordestinos porém, o *forró na praça* não tem a intenção de se caracterizar como tipicamente nordestino. Os músicos são da própria região.

espaço e criando eco junto aos nordestinos locais, objetivando uma possível receptividade e respeitabilidade por parte da sociedade uberlandense, contexto este, travado no seio social, político, econômico e cultural da sociedade que cultivou, pelo menos por parte de uma pequena elite, a mentalidade progressista e moderna.

Tal prática política da Associação, dando uma guinada de 180° nas suas investidas frente ao poder político local, demonstram ser esta uma nova etapa para a Associação. O fato de não Ter havido chapa concorrente na última eleição realizada, permite pensar numa ação estratégica por parte dos fundadores dessa entidade que, desde o início, vem se mantendo à frente da direção. Pela primeira vez muda não só os membros da diretoria como também suas ações: campanha eleitoral, jornal, atividades em andamento, festa junina, nucleação por bairros. Isto não quer dizer rompimento com os ideais anteriores, mas apenas uma tática para sua caracterização. Tanto é assim que o antigo presidente, reeleito várias vezes, continua no quadro de dirigentes. Entretanto, há que assinalar, que a chapa *BOCAPIU*, experimenta uma nova linguagem, busca se identificar com as raízes culturais deixadas para trás, contudo, vendendo uma imagem nova de nordestino, empreendedor, participante das ações políticas do município. Talvez essa seja uma maneira de pela identidade cultural não perder suas raízes, mas com orgulho poder dizer “somos migrantes”, mas viemos somar, construir, queremos, por isso, ser respeitados pelas nossas especificidades culturais.

²⁰ ALÉM, João Marcos. “Representações coletivas e história política em Uberlândia” In: Revista História&Perspectivas. Uberlândia, UFU, n° 4, 1991. P100.



CAPÍTULO III

NORDESTE EM MOVIMENTO:

Nordestinidade e Progresso, Espaços para Memória e Práticas Culturais em Uberlândia

*“As práticas culturais populares não pertencem ao domínio da arte. Elas se situam entre a arte e a vida. É a própria vida muitas vezes representada. Nas festas populares os espectadores não a assistem, eles a vivem, elas existem para o povo e todos dela participam intensamente”.*¹

Fazendo cômico à Bakhtin, Machado nos mostra o caminho metodológico possível para sua apreensão:

*“Entendendo a cultura enquanto parte constitutiva do social e, portanto, pela lógica histórica, dinâmica, plural – ora guardiã de valores e tradições – torna-se impossível não crer na sua capacidade de se reinventar, de se reinterpretar. Porém, para apreendê-la enquanto centelha de vida, é necessário auscultar o cotidiano, se emiscuir em experiências de vidas locais e regionais, avaliando não só o poder de recriação das práticas culturais populares, como rastreando as que foram relegadas ao esquecimento e caíram em desuso”.*²

¹ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec/UNB, 1993. P.3-10.

² MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e desenvolvimentismo em Minas gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo 1950-1985**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo: 1998. p. 27.

De posse de argumentação, é possível afirmar que:

*“As mudanças ocorridas na cultura popular no interior de Minas Gerais podem ser observadas, de modo mais efetivo, a partir da execução dos projetos e planos que tornaram o cerrado em terras produtivas e lucrativas alinhando, dessa forma, o mercado regional ao nacional e internacional. Nesse sentido, cultura popular, modernização e desenvolvimentismo são caminhos cruzados de um mesmo tempo. O que permite perceber modificações nas relações sociais de produção e formas de viver e pensar culturalmente, tanto quanto persistências e recriações de práticas culturais alicerçadas numa tradição secular”.*³

No sentido da citação acima, vale considerar, em primeiro lugar, que o nosso objeto de pesquisa se insere no contexto histórico mineiro em transformação, na qual só podemos compreender a cultura popular entrecruzada à modernização e ao desenvolvimentismo que caracterizam a sociedade brasileira pós anos 60. Daí, em segundo lugar, fica mais evidente pensar a migração nordestina e a sua organização através de uma associação como uma forma de, nas mudanças sócio-econômicas engendradas no país, negar o desenraizamento cultural provocado pelas experiências dos novos lugares. Talvez as ações empreendidas pela Associação dos Nordestinos tenham como objetivo não só as persistências, como também, recriações de práticas culturais seculares.

Portanto, o refazer das práticas culturais são constantemente articuladas adequando-as à uma rede de valores próprios –locais- que, soma-se ao enriquecimento adquirido na pluralidade social, de valores incorporados pelos sujeitos sociais externos à uma dada localidade ou região –migrantes- se metamorfoseando constantemente na

³ MACHADO. Op. Cit., p. 27-28.

existência entre o passado e o presente, o velho e o atual, não permitindo formar uma cristalização das práticas culturais que atendam os interesses de uma minoria na cidade.

Assim, quando Uberlândia se viu tomada por migrantes advindos de diversas partes do país, sofreu constantes mutações de valores, mesmo que historicamente a cidade se ergueu a partir de práticas voltadas para prevalecer uma mentalidade desenvolvimentista, é possível perceber as ações dos sujeitos sociais que, a partir de suas práticas e experiências interpelaram ao projeto local, viabilizando novas realidades sócio-culturais para sua formação.

Não pode escapar a ninguém que a causa da migração é efetivada, no fundo, por uma questão muito pragmática na sociedade burguesa, o trabalho⁴. *“Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo provisório, ele só está aqui e só tem razão de ser pelo trabalho e no trabalho, porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele”*.⁵ Ao mesmo tempo em que o progresso e o desenvolvimento tecnológico, possível a partir de uma mentalidade burguesa, foram aplicados em diferentes regiões brasileiras, impulsionou, conseqüentemente, o surgimento das dicotomias existentes no cenário nacional, ou seja, o avanço regional vérsus atraso regional.

Conseqüentemente, a partir dos anos 50, assistimos a uma grande corrente migratória oriunda das regiões brasileiras mais atrasadas economicamente, visando alcançar supostas possibilidades de melhoramento no padrão de vida em regiões mais avançadas. Nesse contexto, surge o nordestino que passa a assumir um papel importante encenando sua efetiva participação nas atividades migratórias a nível nacional.

⁴ Sobre este tema ver: FARIA, Vilmar. Op. Cit.

⁵ Sayad, Abdelmalek. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1988.

Os migrantes nordestinos instalados em Uberlândia, assim como os migrantes de outras localidades, desempenharam um papel fundamental para a articulação de significados simbólicos, criando formas culturais coletivas, mesmo que no campo mental, representando substancial importância para entrecruzamento das práticas sócio-culturais locais.

A partir dessas articulações, percebemos a maneira pela qual os nordestinos se estabeleceram nesse amplo contexto de trabalho, de sociedade e de cultura, somando quase 5% da população local, ocupando setores de trabalho nas mais diversificadas áreas de atividades, são pedreiros, médicos, padres, professores universitários e secundaristas, artistas plásticos, vendedores ambulantes, entre outras. Estabelecendo relações sociais imbricadas no fazer valer o espaço de uma “nordestinidade” ativa, através da Associação, afastando as possíveis relações preconceituosas existentes na cidade. Exaltando ricas manifestações culturais, busca sua originalidade e, portanto, suas diferenças nos hábitos e costumes, crença, música, culinária, imprimindo no cenário uberlandense suas manifestações populares nordestinas, ampliando, assim, o universo cultural da cidade. Conforme relata Machado:

“As formas de expressões da cultura popular estão impregnadas não só por misticismo, mas também por formas de sobrevivências, de lutas e de experiências, refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos. Podemos até percebê-las como parte de eventos comemorativos, criados por órgãos oficiais que estabelecem e priorizam, de acordo com os seus interesses e conveniências, uma cronologia cultural. Mas, mesmo diante desta cronologia não podemos nos esquecer que mesmo antes dela ser criada, precisou ser vivenciada e experimentada na rotina das pessoas como parte integrante de suas vidas, para depois ser cultuada. Por isso, antes de serem representações discursivas de uma época, as práticas culturais foram ou são parte de um mundo real, onde ao se

*produzir relações econômicas e sociais também está se produzindo, ao mesmo tempo, cultura.*⁶

Nesse sentido, é visível a busca do nordestino para ocupar espaço no meio social uberlandense, se aplicando no reinventar das suas práticas cotidianas inserindo-as no bojo econômico, político e cultural do lugar. Num confronto direto entre diversas camadas de interesses, onde a elite local sempre buscou prevalecer, as minorias sociais, tal como os nordestinos se estabeleceram, buscando introjetar novos valores às articulações políticas do município.

Esta relação fica clara quando ouvimos:

*“É de interesse sim dos nordestinos tentar eleger um representante vereador, não só aqui em Uberlândia, mas também nas cidades da região, para que possamos garantir nosso espaço, garantir que nos respeitem, além de lutar por manter viva nossa cultura.”*⁷

Nessa lógica, buscar reconhecimento na sociedade uberlandense, seja através da Associação ou a partir de atitudes isoladas, passa a representar uma forma do resgate cultural e uma oportunidade para que os nordestinos mais pobres se reencontrem, se socializem e festejem, ano após ano, suas manifestações populares, travando um embate contra a ordem “natural” do poder. Assim, tais comportamentos passam a ser a única forma em que essa gente encontra para resistir, voltados para a simplicidade de ser e viver, conseguem recriar o poder estabelecido, contornando-o em suas nuances mais complexas, vão *reinventando o cotidiano*.⁸

⁶ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular**: um contínuo refazer de práticas e representações. Texto originalmente apresentado em palestra no curso de história. UFU, Maio/2001.

⁷ PEREIRA, Luis. simpatizante com a Associação. É nordestino e Funcionário da PMU, residente no bairro Planalto. Março 2001.

⁸ CERTEAU, Michel. “Culturas Populares”. In: **A INVENÇÃO DO COTIDIANO**, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. P. 75-106.

Diante dessa realidade, o município tentou se resguardar no sentido de criar práticas de controle político e social sobre o público migrante, consequentemente, o nordestino.

“A política de assistência ao migrante, configura-se em uma rede de entidades, ocupando cada uma um lugar estratégico: a ICASU órgão que irá comandar a partir de 1965 a assistência social da cidade, tendo como finalidade recolher das ruas, mendigos, migrantes recambiando os não residentes em Uberlândia para suas cidades de origem, além do trabalho com o menor; o Albergue Noturno Ramatis, por sua vez, recolhe os migrantes que permanecem ali até a hora do embarque. Nesta associação, se entrelaçam, mais tarde, o centro de atendimento ao migrante –SAM–, a policia que, juntos, têm a função de disciplinar o espaço urbano uberlandense.

Embora os fundadores do Albergue Noturno insistem em não admitir a ligação desta instituição com o poder público, caracterizando-o como um projeto de cunho espiritual, podemos constatar que, por traz dos objetivos cristãos se escondem objetivos políticos, que levam esta instituição a ocupar uma função importante, no cenário dos projetos de assistência social implementados”.⁹

As articulações efetivadas pelas autoridades locais visando controlar e disciplinarizar o grande público de migrantes que chegavam na cidade, evidenciam uma constante preocupação em relação à essa gente:

“Cheguei em Uberlândia no ano de 1983. Vim de Patos , Paraíba. Fugimos duma seca arretada que acabou com tudo que a gente plantou. Fomo pra Brasília eu e mais um cunhado, não conseguimos nada de trabalho por 3 dias. Um dia tinha um trem indo pra Ribeirão Preto, então nós entremos no trem. Por acaso, ficamo em Uberlândia no meio do caminho. Aqui, mandaro a gente procurá na rodoviária um lugar que ajudava a encontrá trabalho. Nós queria trabalhar de qualquer coisa, como não conseguimos nada, no primeiro dia fomos dormir na rua. Na Segunda noite que tava dormindo numa praça, as policia levou nós pra uma casa (albergue). Depois eles, da casa, queria mandar nós de volta pra Paraíba, mas eu só ia embora depois de um trabalho, pra buscar minha mulher e os dois fi. Nos primeiros dias foi muito difícil, apanhava da policia só porque

⁹ Reis, Eliane Campos. **Apenas de passagem**: o migrante sob a mira das práticas assistenciais do Albergue Norturno Ramatis. Uberlândia 1965-1980. 2000. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2000. P.77.

*não tinha onde dormir nem trabalho. Até que conseguimos ir pra obra servir os pedreiro. Depois as coisas foi se ajeitando”.*¹⁰

Na ideologia da sociedade uberlandense que, historicamente manteve suas relações calcadas na mentalidade do trabalho, é notadamente expressivo o fomento de desejos por parte das pessoas que saíram de casa e vieram de longe em busca de um emprego, ficando a promessa de voltar para buscar o restante da família o mais rápido possível. Assim, Uberlândia surgiu na vida do Sr. José Pereira como uma possibilidade de realização dessa promessa, buscar sua família que ficara no interior nordestino. Todavia, a cidade em que veio trabalhar, de antemão, lhe apresentou as estratégias sociais, ou seja, através das articulações existentes entre o Albergue, a polícia, a ICASU, estrutura-se o tripé de sustentáculo para manter, a qualquer custo, o “bem estar” da cidade. *“Aqui é um local onde, ou aceitam-se as normas vigentes ou não há espaço para forasteiros”.*

*“Os projetos criados pelo poder público em participação com as classes empresariais, comerciais, religiosas, com a polícia e a imprensa local, configura-se como uma teia de controle e vigilância que se espalham por toda a cidade, tendo como agentes as instituições assistenciais”*¹¹

Apesar do jogo de forças e interesses travados na cidade, se torna cada vez mais alta a quantidade de pessoas oriundas do Nordeste que se estabelecem em Uberlândia. O que representa, por sua vez, várias formas de resistências por parte desses migrantes, às políticas e práticas instituídas pelas elites econômicas em cooperação com diversos

¹⁰ PEREIRA, José. Entrevista realizada em sua residência no bairro planalto, dia Abril/2001.

¹¹ REIS, op. cit., p. 77.

segmentos da sociedade, especialmente aqueles representados pelas instituições assistenciais religiosas.

Mesmo ao enfrentar todas as dificuldades a eles impostas na cidade, percebemos que os nordestinos conseguiram aqui se estabelecer, forjando seus espaços, buscando reconhecimento das suas realidades. Tal afirmativa, podemos extrair da fala do Sr. José de Anchieta:

“As migrações aqui para Uberlândia aconteceram por parte do Nordeste devido a questão da seca e as próprias condições de vida do nordestino que buscou trabalho em São Paulo, Rio de Janeiro, Buscou sobrevivência em Brasília, e de certa forma, depois da construção de Brasília, eles ficaram buscando mais trabalho e aqui como sendo uma região próspera, atraiu pessoas do Nordeste, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, da própria região, do próprio estado de Minas Gerais. Por isso, aqui foi se tornando aos poucos um polo industrial e fez com que a cidade que foi pequena no seu passado, se inchasse e tornasse uma grande cidade como é hoje. Mas uma cidade que não tem as suas tradições porque foram perdidas pela invasão de muitos povos e muitas gentes aqui em Uberlândia. Então, de certa forma, existe um preconceito, sim, existe, mas o preconceito é com aqueles que vieram de fora e que, de certa forma, ofuscaram a cultura local, trazendo outras culturas, outro modo de ver as festas, a realidade. Não é que aqui não tinha cultura, mas é que aqui ela é pequena. Deveria ter espaços maiores para eventos culturais no sentido de tradições religiosas e também de tradições da sociedade.

*Sempre houve uma preocupação na sobrevivência da cultura econômica, buscando indústrias, fábricas, então Uberlândia se desenvolveu no aspecto econômico. Mas por outro lado, esqueceram do aspecto cultural, social. Aqui temos grandes clubes, mas não temos grandes monumentos, não temos grandes festas tradicionais, nós temos aí a exposição de gados, temos aí a festa de congados, mas é uma coisa muito tímida que vem se arrastando ao longo dos tempos. Outro desastre cultural é o carnaval de Uberlândia, fazem aquelas escolas de sambas com desfiles horrorosos, um desfile de mal gosto tremendo, querendo imitar uma cidade grande. Aqui não tem tradição no carnaval de escola de samba, então não se tem uma cultura carnavalesca daqui mesmo, fruto dessa invasão dos que vieram de outros lugares. Por outro lado você vê uma expressão aqui, outra ali, de uma cultura trazida por um determinado grupo de pessoas. Os nordestinos que buscam aos trancos e barrancos, preservar a cultura nordestina lá na Associação, cada um se segura num galhinho, mas é muito fino, porque eu vejo que até a própria estrutura econômica e administrativa da cidade muitas vezes não propicia a fomentação da cultura na sociedade, dificultando a atuação da Associação em se inserir na sociedade”.*¹²

¹² ANCHIETA, José. Entrevista realizada em sua residência no bairro Santa Mônica. Abril/2001.

No final dos anos 80 surge a Associação dos Nordestinos, enfrentando grandes dificuldades para se estabelecer, durante os anos 90, sua estrutura de trabalho sofre uma certa modificação e passa a abraçar uma postura mais expressiva. Essa expressividade é notado a partir do novo direcionamento que visa alcançar os nordestinos. Contudo, mesmo existindo uma entidade que pudesse representá-los, o que queriam eles vindo para Uberlândia? Quais eram seus propósitos? Porquê vieram para cá? Como se relacionam com a Associação?

A existência da fichas de cadastramento nos arquivos da Associação leva a crer nas estratégias articuladas pela primeira diretoria para tentar aproximar os nordestinos da entidade. Como o Sr. Lima afirmou anteriormente sobre as dificuldades encontradas para tal proposição, fica lúcido o caráter meramente burocrático para a explicação da existência das fichas cadastrais. Por outro lado, ao levar em consideração a existência de quase 800 fichas nos arquivos, o que representa um número expressivo diante das dificuldade apresentadas, houve, no mínimo, um contato, direto ou indireto, entre a entidade e alguns nordestinos na cidade. Contudo, a Associação ao não obter ressonância esperada, se atravancou nas dificuldades estabelecidas.

As fichas de cadastro representavam um documento importante pois refletiam uma pesquisa ampla sobre a vida de cada nordestino juntamente com a de sua família, como podemos conferir no modelo:

ANUDI Associação dos Nordestinos em Uberlândia - MG		CADASTRO DO ASSOCIADO	
		NUMERO	CATEGORIA
NOME COMPLETO:			APELIDO:
DATA DE NASCIMENTO ____/____/____	NATURALIDADE	U.F.	ESTADO CIVIL
ENDEREÇO RESIDENCIAL			
			FONE RESIDENCIAL
NOME E ENDEREÇO DO TRABALHO			
			FONE DO TRABALHO
IDENTIDADE	CPF	TÍTULO ELEITORAL	
PROFISSÕES:			
1.			
2.			
3.			
DEPENDENTES			
NOME	GRAU DE PARENTESCO	DATA NASCIMENTO	NATURALIDADE/UF
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			

Mesmo que esta forma de cadastramento possa ser entendido como uma maneira artificial de “criar” associados, esta não é a opinião de Raimundo Honório. Este nasceu em São Raimundo Nonato, Piauí. Começou a trabalhar aos 12 anos na roça, plantando arroz e milho no sítio de 4 alqueires que era de seu pai. Em 1977 sua família mudou-se para São Paulo e o sítio ficou abandonado porque em constantes períodos de seca não dava para manter nem a própria família. Em São Paulo foram procurar empregos, não conseguindo, resolveram arrendar um pedaço de terras no interior. Formaram 1 alqueire de café. Depois de 3 anos começaram, a dar um terço da colheita ao dono da terra, e depois de 4 anos, davam a metade da colheita. Como a realidade continuava igual aos tempos do Piauí, resolveram largar a terra no interior de São Paulo e mudaram-se para Uberlândia à procura de Antônio do bodoque, primo de Sr. Chico, pai de Raimundo. Em 1985 Raimundo Honório casou-se e alugou uma casinha no bairro Planalto, indo trabalhar de ajudante de empilhadeira numa empresa atacadista. Foi se estabelecendo no casamento e ajudando seus pais e irmãos.

“Já me disseram que existe um lugar aí na cidade para nos proteger, todos os nordestinos. Eu creio que deva ser muito bom pá nós, porque, veja bem, se eu chego num lugar que não conheço ninguém e preciso de ajuda, por ser do norte, vou procurar a casa do nordestino para receber algum apoio qualquer. Quando cheguei em Uberlândia, sofri bastante, eu e minha família. Não existia nenhuma casa de ajuda para o nordestino. Mas já existia muita gente do Nordeste aqui.”¹³

Quando lemos o depoimento do Sr. Raimundo, se torna perceptível, a partir de sua posição, a idéia de atendimento assistencial às carências nordestinas. Portanto, o papel crucial para a existência da Associação, na mentalidade desse migrante, é o de desenvolver práticas mútuas de ajuda, na tentativa de estabelecer essa gente que chega

¹³ HONÓRIO, Raimundo. 46 anos. Entrevista realizada em sua casa no bairro Planalto, Uberlândia, Abril/2001.

portando uma pequena mala, cheia de sonhos e esperanças, sem dinheiro e grande vontade de “vencer na vida”, aqui no *Sul*.

“A Associação é uma casa muito importante para cuidar das nossas necessidades e também das nossas vidas. Eu quero ajudar muito ainda essa casa porque foi aqui que eu aprendi a ler e a escrever. Eu vejo o Sr; Lima brigando para conseguir as coisas pra cá. Um homem honesto, lutador, que sempre fez muito para os nordestinos de Uberlândia”¹⁴

A necessidade financeira e assistencial é o que permeia, em um primeiro momento, as vontades dessa gente, mesmo porque foram essas as causas pelas quais os nordestinos se lançaram, e o continuam fazendo, na estrada da vida em busca de condicionantes sociais que lhes possibilitem satisfazer suas necessidades. Num primeiro momento, não faz parte do universo coletivo, a existência da Associação dos Nordestinos em Uberlândia senão enquanto órgão ativo e que interceda junto a esses migrantes ajustando-o à sociedade, transformando-o em ser útil, capacitado para satisfação de seus sentidos. É o que nos fica claro na fala da Sra. Maria Leontina quando reforça que a importância da Associação está em cuidar das necessidades dos outros. Ela cita também a sua gratidão pela a instituição, pois, através do programa de alfabetização para adultos que acontece na sede da Associação, não fugindo da prática assistencialista, foi como ela conseguiu aprender a ler e escrever. Esta gratidão, possivelmente será eterna, pois a Sra. Maria Leontina passou a participar das atividades da Associação enquanto voluntária, retribuindo a ajuda recebida.

Faz parte do contexto cultural nordestino retribuir um favor recebido que, por sua vez, representa um fortalecimento nas relações interpessoais dessa gente, o que representa uma das formas de manter acesa uma identidade nordestina. Quando a Sra.

¹⁴ LEONTINA, Maria. 55 anos. Entrevista realizada em sua casa no bairro Pacaembú, Uberlândia, Junho/2001.

Maria Leontina recebeu ajuda da Associação, se viu obrigada a restabelecer o apoio que lhe fora oferecido, por isso, passou a ajudar voluntariamente os acontecimentos da entidade.

Quando perguntamos ao Sr. José de Anchieta se ele tem preocupação em manter acesa a chama nordestina dentro de sua casa, seja através de hábitos alimentares, vestuário, música, crença, fala (sotaque), ele caminhou até a frente de sua casa e me mostrou uma grande planta, Cactus. Apontando para a planta me disse:

*“Eu não só me preocupo, como tenho esta planta na entrada de minha casa porque creio que ela representa muito bem o Nordeste. Terra de minha família, onde me criei e sinto muito orgulho. Eu sou nordestino com muita satisfação. Além da planta, em casa tenho alguns quadros decorativos, sempre tem cuscuz no café da manhã”.*¹⁵

Uma outra história de amargura e tristeza nos é relatada por Benedito Laurindo que nasceu em Bebedouro, Alagoas. Em Setembro de 1959, o pai de sua esposa deu a idéia de deixar Alagoas para ir a São Paulo e foram todos juntos: a família, do entrevistado e a família da esposa. Viajaram de trem e a pé, tendo levado vinte dias até São Paulo. Ao chegar, passaram dois dias na capital e depois, a migração mandou-os para Lorena no interior de São Paulo. Não pagaram a viagem. Nada de comida durante a viagem. Só o arroz e o feijão que a migração dava. Ficaram cinco dias na estação. Uma grande dificuldade de encontrar serviço. O pai da esposa também não achava serviço, até que uma mulher deu serviço. Um caminhão levou-os para a fazenda dela. Tinha casa, água do rio. Benedito apanhava café. Recebia por pé de café. Ganhava pouco, por isso ficaram somente dois meses. Passaram para outra fazenda próxima onde ficaram

¹⁵ ANCHIETA, José de. Entrevista realizada em sua residência no bairro Santa Mônica, Uberlândia, Abril/2001.

dois anos. O dono, na sua concepção era bom: dava comida. Benedito trabalhava no café. Saíram de lá porque estavam arrancando o cafezal e a fazenda ia ser dividida em seis. Foram para a fazenda Arizona – em Lorena. O dono havia morrido, eles conheceram só o fiscal que foi padrinho de um dos filhos de Benedito. Ficaram menos de seis meses porque Benedito trabalhava com veneno que o estava fazendo muito mal. Lá recebiam carne e leite aos sábados e domingos. Foram para a fazenda Tapuios que era o sítio de Alberto, onde ficaram cinco meses. A fazenda era de café e tinha um casa boa de seis cômodos grandes e caixa d'água. O Alberto tinha avisado que não podiam ficar mais que cinco meses mas dava leite, lenha e outras coisas. Tinha luz elétrica que eles não pagavam e ele dava muitas frutas. O Alberto os levou e queria que voltassem logo, mas pouco depois ele morreu. Foram para a fazenda do japonês, Ficaram seis meses. Foi aí que o Justino (filho de Benedito) morreu de vermes, com um ano e meio. Estava a muito tempo doente. O médico dava receitas mas eles não podiam comprar. As benzedoras falavam que era bichos e estava piorando. O seu estado era grave, mas o fazendeiro ignorava as receitas e não queria comprar. Um dia, Justino amanheceu vermelho, parecia camarão. Comeu e deitou-se. Os olhos pareciam fugindo. A mãe mandou chamar o marido e colocaram uma vela nas mãos dele. Se matavam pelo café do patrão e ele não queria comprar remédios para o Justino. Quando o menino morreu, vomitou bastante vermes vivos e mortos. Os vermes tomavam conta do corpo dele. O patrão foi ver o menino morto. A mãe falou com ele que era o culpado, mas ele respondeu: “não sabia que ia morrer”. Nem o caixão ele quis pagar, foi a prefeitura quem deu. O patrão levou o caixão ao cemitério com o carro dele. Resolveram sair da fazenda. Rodaram tentando a vida por várias cidades do interior paulista, até que chegaram em Uberlândia.

“Já sofri muito nessa vida. Depois de ter passado por tudo isso que te disse, quando viemos pra cá (Uberlândia), fumo morá na favela do buraco¹⁶ porque a gente não tinha como trabaiá, como cumê e nem como morá. Foi muito difícil e nem gosto muito de lembrar. Nordestino, preto, pobre e sem estudo, quem iria querer ajudar eu e minha família. Mesmo com tanta dificuldade, conseguimos essa casinha que você vê, é muito simples, mas pra nós é uma grande mansão. Eu acho que se tivesse a Associação do Nordeste quando chegamos aqui, ela poderia ter me ajudado. Por isso é que eu acho importante essa gente (Associação) pra ajudá o povo que é do Nordeste.”¹⁷

Primeiro satisfazer as necessidades materiais para, em seguida, realizar as que julguem ser de segundo plano, as culturais. Mentalidade que expressa exclusivamente as vontades oriundas do mundo burguês, ou seja, ser cidadão é ser ativo no contexto produtivo, ser atuante no confronto travado a partir das relações capital X trabalho.

“Saí do Nordeste em Janeiro de 1950. O meu ideal era ir para São Paulo. Sai de Caicó no interior do Rio Grande do Norte. Como eu nasci e me criei na roça sem instrução, até que eu tinha condições de estudar mais meus pais de criação (eu não fui criado com meus pais verdadeiros não) ele podia ter me dado estudo mas me disse uma vez que na fazenda dele não precisava de dotô, precisava de homem para trabalhar. Comecei a trabalhar aos oito anos tirando leite de vaca de madrugada. Sofri muito porque o velho era muito rígido. Eu fui pra capital, em Natal tirar documentos, começou a demorar demais, nesse meio tempo, abriu inscrição pra fuzileiro naval. Eu não tinha estudo, mas fui influenciado por um bando de jovens que estava lá em Natal, aí eu fui, mas não acreditava que eu passava. Como a prova foi psicotécnica eu passei tranquilo, então eu entrei pra marinha. De lá fui transferido para o Rio de Janeiro. Aí eu servi a marinha pelo Rio de Janeiro. Tive oportunidade de viajar para o exterior por conta da marinha. Depois que passou aquela situação difícil fui transferido para Brasília e lá fiquei morando até 1986. No final de 86 pra 87 eu vim, não sei porque, vim pra Uberlândia. Cheguei em Uberlândia e no ano seguinte conheci um nordestino aqui. Ele teve a invenção de criar a Associação dos Nordestinos aqui. E eu achei que seria uma coisa importante. Vamos criar a associação dos nordestinos então eu entrei. Ele era o presidente da associação. Não sei porque ele anoiteceu e não amanheceu, sumiu da cidade. Resolvemos convocar uma assembléia geral

¹⁶ Favela que situava-se entre av. Rondon Pacheco e o bairro Tibery, segundo o Sr. Benedito, formada no início dos anos 80 na cidade.

¹⁷ BENEDITO. Entrevista realizada em sua residência no bairro Tancredo, Uberlândia, Maio/2001.

*para convocar as eleições para outra diretoria e aí inventaram que eu deveria ser o presidente da associação. Insistiram muito até que eu aceitei. Daí pra cá eu venho lutando com isso aqui até hoje. Eu lutei muito pela associação só que eu tive muita dificuldade de concentrar os nordestinos que eu pensava que era fácil de chamar os nordestinos para nos reunir, mas encontrei muita dificuldade”.*¹⁸

A história de vida do Sr. Lima nos apresenta uma trajetória que expressa bem as relações estabelecidas no mundo burguês, o homem é o substrato do que produz. Desde que saiu de sua residência, no interior do Nordeste, tinha em mente, satisfazer suas vontades materiais. Viveu muito, até chegar em Uberlândia. Quando inicia as atividades com a Associação dos Nordestinos, não obtém êxito, num primeiro momento, pela dificuldade encontrada em reunir o público nordestino, por uma razão, esse público está voltado para a satisfação de suas necessidades que, por sua vez, foram forjadas através das relações sociais travadas nos centros urbanos-industriais. O nordestino em Uberlândia, inserido no mundo do trabalho, não encontra tempo para a Associação, por esse motivo, o Sr. Lima enfrentou grandes dificuldades para estabelecer a instituição. Conforme Velho e Viveiros de Castro:

“Entendendo-se a cultura como um código, como um sistema de comunicação, percebe-se o seu caráter dinâmico ao produzir interpretações, significados, símbolos diante de uma realidade permanentemente em mudança. Já se disse, em diversas oportunidades que a sociedade urbana-industrial contemporânea apresenta um ritmo e velocidade de mudança particularmente acelerado, em grande parte em função da importância relativa das relações de produção. Ficam mais claras ainda, portanto, as alterações e transformações ao nível da cultura que não são meras conseqüências ou

¹⁸ LIMA, José Pedro de. Entrevista realizada em sua residência no bairro Pacaembu, Uberlândia, Maio/2001.

resultados da infra-estrutura, mas que dão sentido e intencionalidade aos processos sociais, seja tendo como foco a religião, o sistema de parentesco ou as relações de produção como no caso da sociedade complexa moderna."¹⁹

O depoimento do Sr. Pedro Nonato nos explicita essas alterações e transformações advindas de um complexo contexto social moderno:

"Cheguei em Uberlândia em 1958 com meus pais e irmãos, tinha 13 anos. Saímos do interior do Pernambuco, Pedra Talhada, um vilarejo próximo de Petrolina. Sofremos por demais, mas meu pai sempre nos ensinou a ser trabalhadores e honestos, ter paciência e acreditar muito em Deus, porque Ele sempre nos acompanha. Então, cresci numa família muito pobre mas feliz. Trabalhando sem tempo para estudar. Fui erguendo minha vida e alcançando minhas vontades de vencer. Assim, construí o que tenho hoje. Algumas lojas, esposa e filhos criados. Me considero um homem realizado e agradeço tudo ao meu pai, hoje falecido, quem me ensinou muito e a Deus. Apesar de ser nordestino, não guardo muitas recordações do Norte. Mudei de lá muito novo. Me considero um mineiro de Uberlândia. Aqui foi onde eu consegui erguer meu trabalho. Acho que se tivesse continuado em Pernambuco, hoje seria mais um miserável e sofredor homem do campo, como muitos. Por isso, valorizo o lugar onde me possibilitou um espaço para meu crescimento. Sobre a Associação dos Nordestinos, é o que te falei, me considero daqui e não do Nordeste. Eles me procuraram várias vezes pedindo ajuda, dinheiro, remédio, roupas etc. Só tomei conhecimento da existência dessa gente, porque me pediram várias vezes, e pra te falar a verdade eu nunca ajudei. Eu conquistei isso tudo trabalhando, não foi pedindo. Mesmo que eles me peçam para poder ajudar os outros, eu acredito que todos os homens devem trabalhar, se querem vencer na vida como eu. Trabalho, foi uma coisa que sempre fez parte da minha filosofia de vida. Se a Associação ficar ajudando todas as pessoas que vem do Nordeste, eles estarão incentivando essa gente a não trabalhar, e ao mesmo tempo, será impossível conseguir tanto dinheiro e recursos para manter-se enquanto Associação. Uma vez me pediram para ajudar com algumas telhas na obra da sede própria, também não ajudei, porque se der uma vez, você acostuma eles, e aí, pedirão sempre. Do Nordeste me restam só algumas poucas lembranças, meus filhos todos nasceram aqui, 06 no total. Minha esposa também nasceu aqui, então também me considero daqui. Sempre quando vejo uma pessoa maltrapilha

¹⁹ VELHO, Gilberto. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas: uma Perspectiva Antropológica. In: Revista Artefato. São Paulo: nº 1, p. 4-9.

*entrar na loja, nordestina ou não, me precavejo, seguindo-a com os olhos e etc, porque senão é perigoso querer roubar alguma mercadoria. Já peguei muita gente do Nordeste e de outros lugares me roubando, sapatos, camisas, cuecas, cintos etc. O problema não é por ser do Nordeste, e sim, por ser ladrão.*²⁰

O mundo produtivo é permeado por atribuições engendradas em seu próprio contexto, constituindo os determinados espaços das pessoas na sociedade. Isto fica evidenciado na fala do Sr. Pedro que, por ter “vencido” na vida, de certa forma, hoje desconsidera as raízes culturais do seu passado. Por ter conseguido se tornar um empresário, ocupa, tão somente, o seu espaço social, pelo que nos parece, veio minando um passado que o relembra de muitos sofrimentos, buscou se estabelecer com uma possível nova identidade –uberlandense-. Pelo mesmo viés, nordestino soa para ele como sinal de atraso, miséria. Ao se estabelecer em Uberlândia, obteve “sucesso” e, por sua vez, uma nova identidade que o descaracterizasse dos seus antepassados.

Entretanto, mesmo diante de alguns casos como o de Pedro Nonato a Associação, através da nova diretoria, vem implementando suas promessas de campanha. Assim é que na noite de Sábado de 30/06/01, tivemos a oportunidade de vivenciar a festa junina da Associação dos Nordestinos no espaço da Oficina Cultural da Secretaria Municipal de Cultura.

A festa retratou um ambiente tipicamente nordestino através dos enfeites, comidas típicas, músicas, artesanatos, danças, contando com a presença da quadrilha na realização do tradicional casamento caipira, além da contagiante presença dos nordestinos somando o espaço festivo com o público em geral.

²⁰ NONATO, Pedro. Entrevista realizada em sua loja. Proprietário de lojas de roupas e calçados na cidade. Uberlândia. Maio/2001.

O evento expressou o início do trabalho da nova diretoria, expressando formas de associar a data das festas do mês de Junho, comemorada a nível nacional, por sua vez, voltadas para as particularidades e tradições populares nordestinas, comprovando sua inserção no contexto progressista uberlandense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha decisão de estudar o público nordestino através da Associação dos Nordestinos em Uberlândia, está ancorada numa percepção segundo a qual, como um conjunto de símbolos que atravessa espaços e tempos, os nordestinos constituem parte significativa da cultura brasileira. Essa gente soube traduzir a tristeza da seca, a alegria do inverno, homenageando a natureza, exaltando a sua fé, a bravura do cangaceiro, a saudade do pé-de-serra, a beleza da morena, a coragem do vaqueiro e a valentia do “homem macho”.

Assistimos o profano e o sagrado se integrarem num mesmo tecido cultural e histórico: o terço, a novena e a missa se constituem em festa para os sertanejos, e a essas celebrações, não raro, associa-se as danças e esses espaços enquanto lugares de brincadeiras, diversão e prazer, animados por músicas, cantigas, rezas, culinária, fogos entre outros.

Reconhecendo a historicidade das relações sociais e da cultura, percebi que para compreendê-la poderia tomar como referência a noção de representações sociais, capaz de me ajudar na explicação dos sistemas simbólicos e das múltiplas linguagens que expressam. Nesse sentido, focalizando-se ações/relações sociais e formas de interpretação do mundo, percebe-se que as representações são, também, elementos significativos da chamada realidade.

Na realização empírica de nosso trabalho focalizamos a Associação dos Nordestinos e sua trajetória até os dias atuais. Ficou perceptível que para sua existência concreta no espaço da cidade, se faz mister sua associação com a política local.

Muitos são os nordestinos em Uberlândia que vêem a instituição como assistencial, entretanto, para a nova diretoria, representa o espaço das práticas culturais que tem por objetivo manter a identidade cultural de um segmento social conhecido como migrante, mas que tem como elo de ligação, um lugar de origem e as práticas culturais seculares nas quais se reconhecem.

Dessa forma, a Associação vem humildemente galgando espaço na vida cotidiana das pessoas, tentando constituir-se da forma mais agradável e descontraída para que afaste as possíveis repulsas e preconceitos oriundos da sociedade uberlandense.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Mauro William de. **Folia de Res: Fé e resistência das Tradições Religiosas Populares Entranhadas nas Ondas do Progresso e da Modernidade de Uberlândia 1980-1997**. 1999, 78 P. Monografia (Bacharelado em História) – Uberlândia: Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

ALÉM, João Marcos. “Representações Coletivas e História Política em Uberlândia.” In: **Revista História & Perspectiva**. Nº4, p 79-102, Jan-Jun, 1991.

ALVARENGA, Nízia Maria. Movimento Popular, Democracia Participativa e Poder Político Local: Uberlândia 1938-1988. In: **Revista História & Perspectiva**. Uberlândia: UFU. Nº 4, 1991.

ARANTES, Jerônimo. **Memórias Históricas de Uberlândia**. Uberlândia: gráfica Pavan, 1982.

BAENINGER, Rosana. **Tendências Recentes da Migração Urbano-Rural no Brasil**. Relatório I – Análise dos Movimentos Migratórios no Brasil e em São Paulo segundo o Censo Demográfico de 1991.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec/UnB, 1993.

BASSÉGIO, Luiz e CARVALHO, Isabel de. **Migrantes: Êxodo Forçado**. São Paulo: edições paulinas, 1980.

BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: ed. Ática, 2ª ed, 1992.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis/R.J: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Trad. Lisboa: Difel, 1990.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

D'ÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: Progresso, Consumo e Lazer ao Som do Rádio 1939-1970**. Doutorado (Doutorado em História) - São Paulo: PUC. 2001.

FARIA, Vilmar. "Desenvolvimento, Urbanização e Mudanças na Estrutura do Emprego: A Experiência Brasileira dos Últimos Trinta Anos." In: **Sociedade e Política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Por Uma Genealogia do Poder**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e Outros Ensaio**s. Trad. Antônio Narino, Lisboa: Difel, 1991.

_____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

GOUBERT, Pierre. "História Local." In: **Revista História & Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, nº 6, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vórtice, 1990.

HUNT, Linn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: assistência social institucionalizada –Uberlândia 1965-1980**. 1990. 322 P. Mestrado (Dissertação de Mestrado) – São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História.

_____. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo 1950-1985**. 1998. 291 P. Doutorado (Tese de Doutorado) – São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História.

_____. "Cultura Popular: em Busca de um Referencial Conceitual." In: **Caderno de História**, Uberlândia: 5(5), pp 73-83, Jan-Dez/1994.

_____. "Muito Aquém do Paraíso: Ordem, Progresso e Disciplina em Uberlândia". In: **Revista História & perspectiva**, Uberlândia: nº 4, 1991, UFU.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: ed. brasiliense, 1991.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: ed. brasiliense, 2º ed, 1991.

REIS, Eliane Campos. **Apenas de Passagem: O Migrante Sob a Mira das Práticas Assistenciais do Albergue Noturno Ramatis, Uberlândia 1965-1980**. 2000. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

RODRIGUES, Jane de Fátima. " Nas Sendas do Progresso: Trabalho e Disciplina, Uberlândia um Percorso Histórico." In: **Cadernos de História Especial**. V4, p 81-87, Jan.1993.

_____, **Trabalho, Ordem e Progresso: uma Discussão Sobre a Trajetória da Classe Trabalhadora Uberlandense – O Setor de Serviços 1924-1964**. 1989, Dissertação (Dissertação de Mestrado) – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, Progresso e Sociedade Civilizada**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHELLING, Vivian. **A Presença do Povo na Cultura Brasileira: Ensaio Sobre o Pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire**. Campinas/SP: ed. Unicamp, 1990.

SOUTO MAIOR, Mário. **Nordeste: a Inventiva Popular**. Rio de Janeiro: ed. cátedra, 1978.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2º ed. 1998.

TUCHMAN, Barbara W. **A Prática da História**. Rio de Janeiro: José Olímpio editora, 1991.

VELHO, Gilberto. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas: Uma perspectiva Antropológica**. In: Revista Artefato. São Paulo: nº 1.

PERIÓDICOS

Jornal Correio de Uberlândia

Jornal O Triângulo

Jornal dos Nordestinos

Jornal O Município

Jornal Minas Gerais

Estatuto da Associação dos Nordestinos

Informativo do Mandato do Deputado Estadual Geraldo Rezende

FITAS DE VÍDEO

Documentário Prefeitura Municipal de Uberlândia

ENTREVISTAS

José Pedro de Lima

Alcides de Melo

Luis Pereira

José Pereira

José de Anchieta

Raimundo honório

Maria Leontina

Benedito Laurindo

Pedro Nonato

ANEXOS

ESTATUTO

CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º A Associação dos Nordestinos em Uberlândia- ANUDI, fundada em 27 de outubro de 1988, é uma entidade civil sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria que terá duração por tempo indeterminado e que se regerá pelo presente Estatuto.

Art. 2º A Associação dos Nordestinos, com sede no município de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, Foro em Uberlândia, tem por finalidade dar assistência social aos carentes da comunidade, com objetivo de proteger a saúde, através de doações de medicamentos e transporte dos doentes, combater a fome e a pobreza, como também ministrar cursos profissionalizantes.

Art. 3º A Associação dos Nordestinos poderá ter um regimento interno aprovado pela Assembléia Geral que disciplinará o seu funcionamento.

Art. 4º Para cumprir sua finalidade, a instituição poderá se organizar em unidade de prestação de serviços regido pelo regimento interno.

CAPÍTULO II DOS SÓCIOS

Art. 5º A Associação dos Nordestinos é constituída por número ilimitado de sócios, distribuídos em categorias (fundadores, benfeitores, honorários, contribuintes e outros).

Art. 6º Os sócios em dia com suas obrigações sociais terão os direitos:

- I- Votar e ser votado para os cargos eletivos
- II- Tomar parte na Assembléias Gerais
- III- Participar das reuniões da Diretoria.

Art. 7º Os sócios terão os deveres:

- I - Cumprir as disposições do Estatuto e Regimento Interno.
- II - Acatar determinação da Diretoria.

Art. 8º Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente pelas obrigações da instituição.

CAPÍTULO III DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 9º A Associação dos Nordestinos será administrada Por:

- I - Assembléia Geral.
- II - Diretoria.
- III - Conselho Fiscal.

Art. 10º A Assembléia Geral é o órgão soberano da instituição, sendo constituído de todos os sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 11º Compete à Assembléia Geral:

- I - Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal
- II - Decidir sobre as reformas do Estatuto.
- III - Decidir sobre a extinção da entidade e destino de seu patrimônio.
- IV - Decidir sobre a conveniência de alienar, transgredir, hipotecar ou permutar qualquer bem do patrimônio.
- V - Aprovar o regimento interno.

Art. 12º À Assembléia Geral, reunir-se-á, ordinariamente uma vez por ano para:

- I - Apreciar o relatório anual da Diretoria
- II - discutir e homologar contas e balanço aprovados pelo Conselho Fiscal.

Luiz

III- Eleger os membros para compor a Diretoria e o Conselho Fiscal.

Art. 13º A Assembléia Geral reunir-se-á extraordinariamente quando convocada:

I - Pela Diretoria

II - Pelo Conselho Fiscal

III- Por solicitação de no mínimo 1/3 dos sócios quites com as obrigações sociais.

Art. 14º A convocação da Assembléia Geral se fará por edital afixado em local público, ou publicado na imprensa local por circulares ou outros meios convenientes com antecedência mínima de 03 dias.

Parágrafo Único As Assembléias funcionarão com a maioria dos sócios em primeira convocação ou com qualquer número em segunda convocação, caso não tenha atingido o número necessário na primeira.

Art. 15º A instituição será dirigida por uma diretoria composta de presidente, vice- presidente, 1º e 2º secretários, 1º e 2º tesoureiros.

Parágrafo Único O mandato da diretoria será de 04 anos podendo ser reeleita, caso não haja outra chapa em disputa.

Art. 16º Compete à Diretoria:

I - Elaborar e executar o programa anual de atividades.

II - Elaborar e apresentar, à Assembléia Geral, o relatório anual.

III - Entrosar-se com as instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum.

IV - Contratar e demitir funcionários.

Art. 17º A Diretoria reunir-se-á uma vez por mês, no mínimo.

Art. 18º Compete ao Presidente:

- I - Representar a Associação dos Nordestinos judicialmente e extrajudicialmente;
- II - Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o regimento Interno.
- III- Presidir a Assembléia.
- IV - Convocar e presidir as reuniões da Diretoria.

Art. 19º Compete ao Vice- Presidente

- I - Substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos.
- II - Assumir o mandato em caso de valência, até o seu término
- III- Prestar de modo geral a sua colaboração ao Presidente.

Art. 20º Compete ao 1º Secretário;

- I - Secretariar as reuniões da Diretoria e Assembléia Geral redigindo as atas.
- II - Publicar as notícias das atividades da entidade.
- III- Ajudar na coordenação dos eventos da entidade.

Art. 21º Compete ao 2º Secretário;

- I - Substituir o 1º secretário em suas faltas ou impedimentos
- II - Assumir o mandato em caso de valência, até seu término
- III- Prestar de modo geral, sua colaboração ao 1º Secretário.

Art. 22º Compete ao 1º Tesoureiro;

- I-Arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios, donativos e mantendo em dia a escrituração.
- II-Pagar as contas autorizadas pelo Presidente
- III - Apresentar relatório de receita e despesas sempre que forem solicitados.
- IV- Apresentar relatório financeiro para ser submetido à Assembléia Geral.
- V - Apresentar semestralmente o balancete ao Conselho Fiscal.
- VI - Conservar sob sua guarda a responsabilidade, os documentos relativos à tesouraria.
- VII- Manter todo numerário em estabelecimento de crédito.
- VIII- Ter conta bancária conjunta com o presidente da Entidade.



Art. 23º Compete ao 2º Tesoureiro

- I- Substituir o 1º Tesoureiro em suas faltas ou impedimentos.
- II- Assumir o mandato, em caso de valência, até o seu término.
- III- Prestar de modo geral, a sua colaboração ao 1º Tesoureiro.

Art. 24º O Conselho Fiscal será constituído por dois membros e seus respectivos suplentes eleitos pela Assembléia Geral.

Parágrafo 1º O mandato do Conselho Fiscal deverá coincidir com o mandato da diretoria.

Parágrafo 2º Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo Suplente até seu término.

Art. 25º Compete ao Conselho Fiscal;

- I - Examinar os livros de escrituração da Entidade
- II - Examinar o balancete semestral apresentado pelo tesoureiro, opinando à respeito.
- III- Apreciar os balanços e inventários que ocupam o relatório anual da Diretoria.
- IV- Opinar sobre a aquisição e alienação de bens.

Parágrafo Único O Conselho reunir-se-á ordinariamente à cada três meses, extraordinariamente, sempre que necessário.

Art. 26º As atividades dos Diretores, conselheiros e instituidores bem como as dos sócios, serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificações, bonificações ou vantagens.

CAPÍTULO IV DO PATRIMÔNIO

Art. 27º O patrimônio será constituído de bens móveis e imóveis que venha possuir, podendo ser acrescido de outros, doações, legados ou contribuições.

Art. 28º No caso de dissolução da instituição, os bens remanescentes serão destinados à outra instituição congênere juridicamente constituída, que esteja registrada no Conselho Nacional de Assistência Social.

CAPÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 29º Embora de prazo indeterminado a Associação dos Nordestinos poderá ser dissolvida por deliberação da Assembléia Geral extraordinária, especialmente convocada para este fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 30º O presente Estatuto só poderá ser reformado, por decisão da maioria absoluta dos associados, em Assembléia Geral especialmente convocada para este fim e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 31º Os caso omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral.

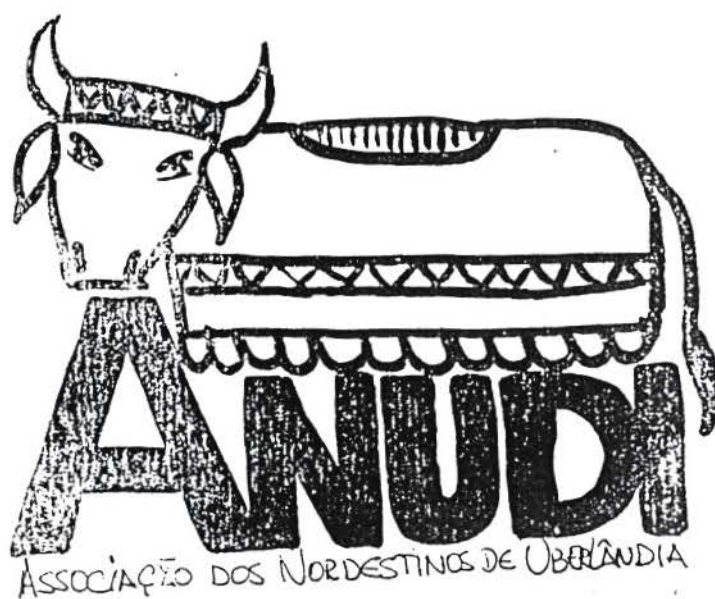


REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
AV JOÃO PINHEIRO 442 - FONE/FAX. 234-2251
OFICIAL
Wilma Marquez Borges
PROTOCOLADO REGISTRADO E MICROFILMA-
DO NESTA DATA SOB O N.º 399 97
UBERLÂNDIA, 26 MAR-1997

Registro de Títulos e Documentos e
Registro Civil da Pessoas Jurídicas
Averbado e microfilmado sob n.º 36 11
Uberlândia, 26 de março de 1997
OFICIAL



sugestão para logotipo



Sugestões para logotipo



sugestão para logotipo



ELEIÇÕES PARA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA

**Dia 18 fevereiro (Domingo)
Das 8 às 12 horas
Sede da Associação
Rua Wilson Pantaleão 142
Bairro Pacaembu**

**QUEM VOTA ...
Nordestinos natos e filhos de
nordestinos devidamente
comprovados.
LEVAR DOCUMENTO QUE COMPROVE
A NORDESTINIDADE (IDENTIDADE,
CERTIDÃO DE NASCIMENTO,ETC)**

Chapa **BOCAPIU**

O BOCAPIU, na linguagem matuta, nordestina, é uma mochila feita de vários materiais, entre eles o sisal, a palha de coqueiro, a palha da palmeira do coco babaçu. É um utensílio artesanal, com muitas utilidades. Serve para transportar pertences pessoais, compras, ferramentas de trabalho e também para guardar alimentos e coisas de valor sentimental, como lembrancinhas, recordações, retratos, documentos, entre tantas utilidades.

A Chapa BOCAPIU tem tudo a ver com isso.

É uma grande sacola cheia de experiências migrantes.

Um por todos. Todos por um.

Chapa Bocapiu

Presidente: Alcides Melo da Silva (Sergipe)

Vice-Presidente: Valdemir Aires Magalhães (Maranhão)

1º Secretário: Maria Betania de Souza (Rio Grande do Norte)

2º Secretário: Maria de Fátima Pereira de Souza (Ceará)

1º Tesoureiro: Alzemi Dantas (Paraíba)

2º Tesoureiro: José Carlos Miranda (Bahia)

1º Conselheiro Fiscal: Vicente da Rocha Soares Freitas (Piauí)

2º Conselheiro Fiscal: Renato Nogueira de Oliveira (Bahia)

3º Conselheiro Fiscal: José Cláudio da Silva (Pernambuco)

1º Suplente: Geraldo Basílio de Macêdo (Rio Grande do Norte)

2º Suplente: Ivan da Silva Nunes (Alagoas)

Diretoria Social:

José Pedro de Lima (Rio Grande do Norte)

Diretoria de Obras:

Abrão Nunes da Silva (Filho de Nordestinos)

Diretoria de Eventos:

Francisco Francisvaldo Alves (Ceará)

Luiz Caymmi (Bahia)

José Santos (Sergipe)

Diretoria do Programa de Alfabetização de Adultos

Carmem Simões de Araújo (Pernambuco)

Maria de Fátima Delfino (Pernambuco)

- Compromissos de Trabalho -

Criar o CTCNTM - Centro de Tradições Culturais Nordestinas do Triângulo Mineiro.

Existem hoje, na Região do Triângulo Mineiro, mais de 150 mil nordestinos natos. Somente em Uberlândia vivem mais de 20 mil. São cidadãos oriundos de todos os estados do nordeste e estão presentes nos diversos segmentos da sociedade. Atualmente podemos contabilizar inúmeros nordestinos, professores universitários, jornalistas influentes, produtores culturais, profissionais liberais em todas as áreas de atividade econômica, notadamente nos setores de prestação de serviços e da construção civil.

Os nordestinos no Triângulo Mineiro se constituíram, ao longo dos anos, numa grande força propulsora de desenvolvimento regional. Por advirem de uma região bastante rica culturalmente, os nordestinos aqui radicados trouxeram consigo as mais diversificadas tendências e aptidões artísticas. Hoje, isto é muito evidenciado na música, na dança, na poesia e, sobretudo, na culinária típica nordestina.

Considerando esta grande diversidade cultural é que o **CTCNTM** encontra a razão de existir. O objetivo é descobrir, agrupar e divulgar as habilidades nordestinas no Triângulo Mineiro. Portanto, são palavras-chaves do **CTCNTM**: *preservar* e *irradiar* a cultura nordestina aqui localizada. *Preservar*, no sentido de proteger, conservar; e *irradiar*, no sentido de divulgar.

Mas nós sabemos, de antemão, que nem só de cultura vivem os nordestinos da região. Para tanto, o **Centro de Tradições Culturais Nordestinas do Triângulo Mineiro**, para suprir esta necessidade, pretende criar **Cooperativas de Trabalho** que poderão estar associadas ou não a questão cultural. As "habilidades" acima mencionadas não se restringem apenas ao artesanato, a culinária. Pelo contrário, estendem-se aos serviços, a força de trabalho do nordestino. Essas Cooperativas serão criadas, principalmente para se contrapor as demandas do setor de prestação de serviços que são muito grandes (pedreiros, eletricitas, encanadores, serviços gerais, diaristas, domésticas, entre outras).

O dia-a-dia impõe preocupações de ordem prática: trabalho, como mão de obra especializada que assegure emprego e, educação, que proporcione ações de desenvolvimento pessoal e coletivo.

FILIAÇÃO. CRIAÇÃO DE NÚCLEOS DA ANUDI NOS BAIRROS DE UBERLÂNDIA.

A meta é, a médio e longo prazos, criar núcleos da Associação na maioria dos bairros de Uberlândia. Estes núcleos serão da maior importância para a entidade, porque servirão para descentralizar as ações da ANUDI e atuar como centros de catalisadores de filiações. Esses Núcleos terão vida própria e estarão articulados, em sintonia, com os propósitos da entidade.

MUDANÇAS NO ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO.

O atual estatuto da ANUDI está "caduco" em todos os aspectos. Precisa ser urgentemente remodelado e adaptado a nossa realidade. As reuniões para discussão do novo estatuto serão iniciadas tão logo tomemos posse e todos estarão convidados a participar.

ATENÇÃO ESPECIAL PARA OS FILHOS DOS NORDESTINOS AQUI RADICADOS.

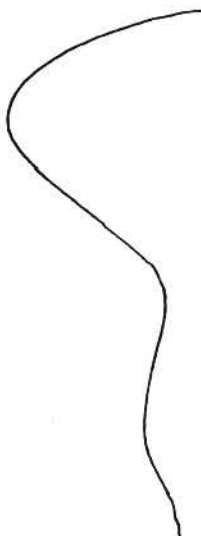
O atual estatuto da ANUDI não valoriza a participação dos filhos dos nordestinos na entidade. Nada diz a esse respeito. Acharmos que os filhos dos nordestinos aqui radicados, não só deverão votar, como também, serem votados para os cargos de Diretoria. Só para se ter uma idéia, a adoção desta medida, duplicará o número de filiados à entidade.

SEDE NO CENTRO. EVENTOS.

Nós sabemos o quanto é difícil se deslocar das mais distantes regiões da cidade para atual sede da Associação, no Bairro Pacaembu. A proposta é buscar alternativas para estabelecer uma sede no centro ou próxima ao centro da cidade. Isto facilitará, em muito, o acesso e a participação do nordestino na entidade. Não significa dizer, que a atual sede será desativada. Pelo contrário, estará destinada a outros tipos de atividades, principalmente aquelas ligadas ao Centro de Tradições Culturais Nordestinas, que pretendemos criar.

FORTALECIMENTO POLÍTICO DA ENTIDADE.

Vamos nos estruturar politicamente em Uberlândia e, sobretudo na Região, disseminando Associações de Nordestinos nas principais cidades do Triângulo Mineiro. É nossa intenção, depois, criar uma Federação das Associações de Nordestinos no Triângulo Mineiro para interceder mais incisivamente nos municípios, lutando diuturnamente contra o preconceito, atuando no sentido de fazer representantes nas Câmaras Municipais, Associações de Moradores, Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, sobretudo, participando ativamente das lutas por melhor distribuição de terra, renda e geração de emprego.



Vote Chapa
BOCAPIU

Jornal dos NORDESTINOS

INFORMATIVO DA ANUDI – ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA

A partir de agora, você receberá todo mês, o jornal de nossa Associação. Esperamos que você goste e divulgue as nossas tradições. A nossa intenção é mantê-lo(a) informado(a) sobre tudo que se passa na comunidade nordestina em Uberlândia: festas, almoços de confraternização, reuniões, eventos, entre outros.

Participe ! Dê sugestões !



Obras de ampliação da sede social da ANUDI, no Bairro Pacaembu.

A Associação dos Nordestinos sobrevive de doações. Por isso, é importante que os nordestinos em Uberlândia – dentro de suas possibilidades – contribuam de alguma forma para a entidade. Seja financeiramente, com o mínimo possível, ou mesmo, através da força de trabalho de cada um (principalmente os pedreiros, eletricitas, encanadores e serviços gerais), ou até intelectualmente, propondo a execução de eventos, promoções diversas, entre outros.

Atualmente, estamos dando continuidade ao projeto de ampliação da sede social (foto), situada na Rua Wilson Pantaleão nº 142, no Bairro Pacaembu, com o apoio da Secretaria Municipal de Obras (Secretário Orlando Resende) e Secretaria Municipal de Educação (Secretário José Eugênio). Estamos em vias de construir uma sala para o curso de alfabetização de adultos (que hoje funciona precariamente no salão de festas) e uma cozinha comunitária, para atender as necessidades promocionais da Associação. Para tanto, estamos programando um grande mutirão de final de semana para fazer alicerces, levantar e rebocar paredes, etc. Na oportunidade faremos um “cozido”, para compensar o esforço voluntário dos conterrâneos. As pessoas que, por algum motivo, não puderem participar diretamente do mutirão, poderão colaborar com o mesmo, pagando um dia de serviço de um pedreiro, hoje em torno de R\$ 15,00. O importante é participar.

A sede da Associação dos Nordestinos em Uberlândia fica no Bairro Pacaembu, na Rua Wilson Pantaleão de Oliveira nº 142. As reuniões de Diretoria são realizadas sempre no primeiro domingo do mês, às 15 horas e são abertas aos públicos. Os filhos dos nordestinos também podem participar da Associação. Apareça lá !

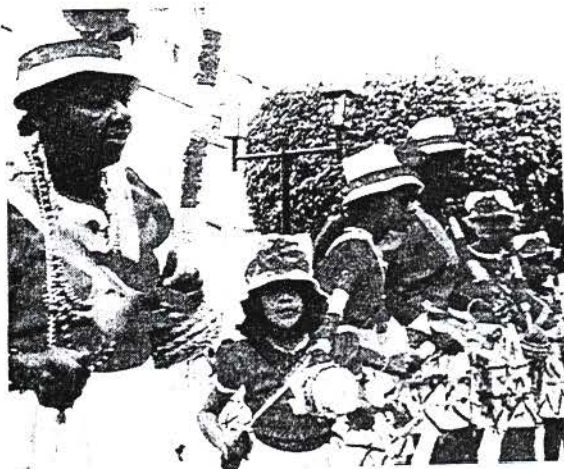
Cada bairro de Uberlândia terá um Núcleo da Associação dos Nordestinos.

Com o objetivo de descentralizar as ações da diretoria e, ao mesmo tempo, descobrir e agrupar os nordestinos por bairro, na cidade, cadastrando-os artística e profissionalmente, a ANUDI iniciou no último dia 20 de maio, o seu Projeto de Nucleação. O primeiro núcleo criado foi o do Bairro Tubalina, que ficou sob a coordenação do companheiro Ivan, do Estado de Alagoas (telefone 3217 3557). Na oportunidade, dezenas de conterrâneos se filiaram à Associação, o que transformou o ato em motivo de confraternização. Com a criação dos Núcleos, cada comunidade terá, a partir de agora, autonomia para decidir e promover a cultura nordestina em sua localidade, sem perder de vista — evidentemente — os objetivos da entidade. Os próximos Núcleos a serem criados, serão o do Bairro Maria Rezende (dia 27/5), do Bairro Aclimação (3/6) e outros bairros que já solicitaram inscrição, como: Tancredo Neves, Prosperidade, Shopping Park, etc. Os nordestinos (ou filhos de nordestinos) que desejarem criar Núcleos da Anudi nos bairros, basta demonstrar o interesse e aguardar. É feita uma reunião neste sentido — de preferência com o maior número possível de conterrâneos residentes no bairro — onde fala-se da Associação e da importância política enquanto entidade representativa dos nordestinos aqui radicalizados.



Filhos de Nordestinos !

Além de querer saber quantos são, onde estão e o que estão fazendo os nordestinos aqui em Uberlândia, a ANUDI iniciou o cadastramento dos filhos de nordestinos residentes na cidade. O objetivo é ampliar o número de filiados e garantir, à longo prazo, a preservação de nossa cultura na região. Informações neste sentido poderão ser obtidas diretamente através dos telefones de contato com dirigentes da ANUDI (relação em anexo), ou através do telefone 3234 6174, residência de Sr. Lima, do Estado do Rio Grande do Norte, Diretor Social da Associação.



Festas de São João e São Pedro, da Associação.

Estamos negociando com a Secretaria Municipal de Cultura a realização de 3 projetos importantes. O primeiro deles, é a participação da Anudi nos eventos juninos da cidade, no São João e São Pedro, onde acontecerão os arraiais, "à mineira", da Oficina Cultural (local onde antigamente funcionava o prédio da Cemig, na Pça Clarimundo Carneiro, no centro da cidade). A Associação deve montar um bar e comercializar comidas típicas nordestinas.

O segundo projeto, diz respeito a participar, também, com um bar, no projeto Forró na Praça, realizado quinzenalmente na Pça Sérgio Pacheco. E o terceiro, é criar o hábito, em alguma praça situada no centro da cidade, de encontros semanais da cultura nordestina, envolvendo a instalação de um Bar, comercialização de comidas típicas, apresentações de cantorias nordestinas, poemas de cordel, entre outras manifestações. É importante frisar, que a Associação está ampliando a sua sede e atualmente encontra-se necessitando muito de dinheiro para levar adiante seus projetos. Daí a necessidade de parcerias, com o objetivo de unir o útil ao agradável.

**VOCE SABIA
QUE SOMOS
MAIS DE
20 MIL
NORDESTINOS
AQUI EM
UBERLÂNDIA ?**

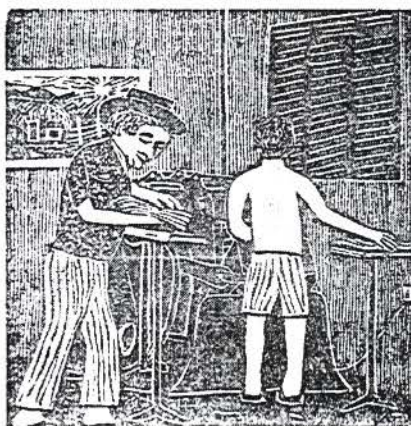
**QUE A ANUDI
EXISTE
HÁ 12 ANOS,
ESTÁ TODA
DOCUMENTADA
E JÁ TEM SEDE
PRÓPRIA ?**

**QUE
ESTAMOS
FAZENDO
UMA
PESQUISA
PARA
DESCOBRIR
AS
APTIDÕES
ARTÍSTICAS
E AS
HABILIDADES
PROFISSIONAIS
DOS
NORDESTINOS
AQUI EM
UBERLÂNDIA ?**

**QUE, PARA
VOCÊ MANTER
CONTATO
COM A ANUDI,
BASTA LIGAR
PARA ALGUM
TELEFONE AO
LADO ?**

NOMES, ENDEREÇOS, TELEFONES E CARGOS DOS MEMBROS DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA - ANUDI -

Nº	NOME COMPLETO	ESTADO	FONE / CASA	CARGO	ENDEREÇO	TRABALHO
1	<u>ALCIDES</u> Melo da Silva	Sergipe	3235 1891	Presidente	Rua Lambari 281, aptº 302 -Oswaldo	3235 6966
2	<u>VALDEMIR</u> Aires Magalhães	Maranhão	9969 1257	Vice-Presid.	Rua Ceará 850 - N.S. das Graças	3211 2229
3	Maria <u>BETANIA</u> de Souza	R.G. Norte	3215 4333	1º Secretária	Rua Raimundo Justino 145-Roosevelt	32394859
4	Maria de <u>FÁTIMA</u> Pereira de Souza	Ceará	3215 4133	2ª Secretária	Praça Lincoln 103 - Roosevelt -	3215 4133
5	<u>ALZEMI</u> Dantas	Paraíba	3237 7391	1º Tesoureiro	Rua Maria C. Carvalho 112, Ma. Rezende	99662887
6	<u>JOSÉ CARLOS</u> Miranda	Bahia	3238 1018	2º Tesoureiro	Rua Caiapó 69 - Taíaman	
7	<u>VICENTE</u> da Rocha Soares Freitas	Piauí	91210832	1º Cons. Fisc.	Rua Domingos de Freitas 1077.S.Mônica	32392631
8	<u>RENATO</u> Nogueira de Oliveira	Bahia	3215 3017	2º Cons.Fisc.	Rua Rubens de Freitas 899, Pacaembu	3239 2483
9	José Cláudio da Silva (<u>J. CLÁUDIO</u>)	Pernamb.		3º Cons.Fisc.	Av. Rio Branco 554 - Centro	
10	Geraldo Basílio de Macedo(<u>SARNEY</u>)	R.G.Norte	32102732	1º Suplente	Rua Virgilina L. Martins 52 - Pacaembu	
11	<u>IVAN</u> da Silva Nunes	Alagoas	32173557	2º Suplente	Rua Oscar Gomes M. Jr.1140- Tubalina	
12	José Pedro de <u>Lina</u> (<u>SR. LIMA</u>)	R.G.Norte	3234 6174	Dir. Social	Rua Abília Ferreira Diniz 185- Pacaembu	
13	<u>ABRÃO</u> Nunes da Silva	Filho Nor.	3217 2085	Dir. Obras	Rua Rogério de Souza 213 - Tocantins	
14	Francisco F. Alves Pereira (<u>CHICÃO</u>)	Ceará	9993 4344	Dir. Eventos	Rua Estrela do Sul 230 - Martins	
15	Luiz <u>CAYMMI</u>	Bahia	99694748	Dir.Eventos	Av.Serra do Espinhaço 749-A SãoGabriel	3210 6636
16	José Santos (<u>ZÉ SANTOS</u>)	Sergipe	3237 6493*	Dir.Eventos	Rua Clésio Migueleto 290 - Roosevelt	
17	<u>CARMEM</u> Simões de Araújo	Pernamb.	3215 3524	Dir. Alf.Adulto	Rua Abília Ferreira Diniz 76, Pacaembu	
18	Maria de <u>FATIMA</u> Delfino	Pernamb.	3215 3624*	Dir. Alf.Adulto	Rua Abílio Ferreira Diniz 36, Pacaembu	



Ato público contra a corrupção e a favor da cassação de ACM, Arruda e Jader Barbalho.

No último dia 15, terça-feira, às 17:00 horas, a Associação dos Nordestinos encabeçou um movimento em Uberlândia contra a corrupção e a favor da cassação dos senadores ACM, Arruda e Jader Barbalho. O evento teve a adesão de partidos políticos, sindicatos, associações comunitárias, trabalhadores desempregados e a população como um todo. Houve caminhada pelo centro da cidade, saindo do Fórum e percorrendo as avenidas Floriano e Afonso Pena, chegando finalmente a Praça Tubal Vilela, onde aconteceu o ato público. É importante salientar a importância da ANUDI promover e participar de atos desta natureza, pois demarca a sua posição política, a frente dos movimentos sociais da cidade. Parabéns pela iniciativa do companheiro Chicão, do Estado do Ceará, Diretor de Eventos da Anudi, que organizou o ato.

Alfabetização de Adultos

Pelo terceiro ano consecutivo, encontra-se em pleno funcionamento, à noite, na sede da Associação dos Nordestinos, o Curso de Alfabetização de Adultos da ANUDI, em parceria com a Prefeitura de Uberlândia. O Curso foi criado pelas companheiras Carmen e Maria de Fátima, ambas do Estado de Pernambuco. A título de informação, no último ano, os primeiros lugares do Exame Supletivo da cidade foram dos alunos da ANUDI. Este é um programa social que está dando muito certo em Uberlândia.



Dona Carmen e alunos do Curso de Alfabetização de Adultos da UNIDI

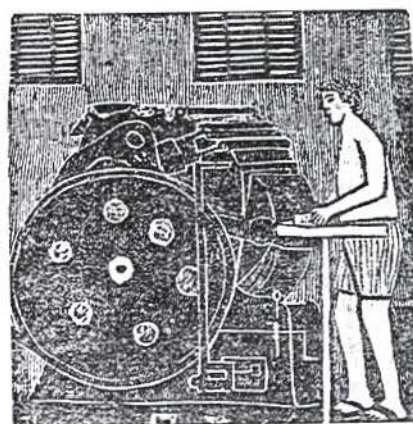
SE VOCÊ CONHECE MUITOS NORDESTINOS EM SEU BAIRRO, MARQUE UMA REUNIÃO PARA A ASSOCIAÇÃO CONVERSAR COM ELES. DE PREFERÊNCIA, NOS FINAIS DE SEMANA.



Algumas decisões da última reunião de Diretoria (6/5/2001).

- Ficou estabelecido o teto mínimo de 5 reais para cada membro da diretoria contribuir mensalmente, visando ampliar o caixa da Associação. Os diretores da Associação devem fazer seus pagamentos aos companheiros Alzemi (telefone 3237 7391) ou José Carlos Miranda (telefone 3238 1018), respectivamente 1º e 2º tesoureiros da entidade, se possível até o 5º dia útil de cada mês.
- Também ficou decidido, que tão logo recebamos o restante de cimento doado pela Prefeitura, para a construção da Sala de Alfabetização de Adultos, faremos um mutirão na sede da Anudi. Na oportunidade será servido um "cozido" a todos aqueles que participarem do evento. Ficou estabelecido também, que aqueles - por razões pessoais - não poderem participar diretamente do mutirão, poderão pagar um dia de servente de pedreiro, ou mesmo um dia de pedreiro (que hoje gira em torno de 10 a 15 reais), sob a forma de contribuição.
- Que o salão de festas da Associação deverá ser alugado ao preço de 100 reais e pela experiência adquirida em cessão do mesmo para eventos, daremos prioridades as realizações de confraternizações (almoços, jantares, aniversários, reuniões) e não será alugado, temporariamente, para festas funks e bailes comunitários, como vem aumentando a procura.
- Também, que em termos de obras, iremos transformar a atual cozinha da sede da Associação em sala do Programa de Alfabetização de Adultos e anexar ao salão de festas, uma nova cozinha e uma dispensa.
- Outros assuntos foram discutidos, mas sem muita importância para ser divulgado no nosso jornalzinho.

Se você conhece algum(a) Nordestino(a) que canta, toca, faz artesanato, dança, faz comida típica nordestina, faz poesia e possui outras qualidades artísticas, informe à Associação. Estamos fazendo um levantamento das nossas potencialidades artísticas.



A partir do 2º número do nosso Jornalzinho, estaremos recebendo sugestões para melhorar ainda mais o nosso informativo. Escreva. Participe. E sugestões. Faça a sua crítica. Nós agradecemos.



Todo primeiro domingo do mês, à tarde, às 15:00 horas, tem reunião de Diretoria da Associação dos Nordestinos. Apareça lá. As reuniões são abertas ao público, principalmente para todos os nordestinos natos e filhos de nordestinos. Aguardamos você !

NORDESTINOS

Se você conhece algum(a) nordestino(a) em Uberlândia, informe que a ASSOCIAÇÃO DOS NORDESTINOS deseja muito falar com ele(a) ! Se achar melhor, passe pra ele(a) os nossos telefones:

ALCIDES MELO 3235 1891 - 3235 6966

SR. LIMA (Sede da Associação) 3234 6174

BETANIA (à noite) 3215 4333



COLUNA J. B. COURY

Publicado no "O Triângulo" do dia 17.09.96

Olha a discriminação aos nordestinos em Uberlândia

O Sr. Lima - Presidente da Associação dos Nordestinos de Uberlândia, encaminhou processo à Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social, visando angariar verba destinada à Entidade, objetivando terminar a construção da sede e outras benfeitorias.

Em resposta, no dia 20/06/96, do consultor jurídico - SETAS, dr. Artur de Oliveira, a qual reportamos na íntegra o seu parecer opinando pelo indeferimento. Vejamos:

A

S.A.S., (Registro)

A Entidade não atende aos requisitos da Lei Mineira nº 11.870, de 01/08/96. Por outro lado, não é do interesse do Estado de Minas Gerais promover atos que estimulem o êxodo de nordestinos para a Região de Uberlândia ou para qualquer outra Região do Estado.

Por tais motivos, opino pelo indeferimento do pedido de Registro.

Em 20/6/96

Artur de Oliveira

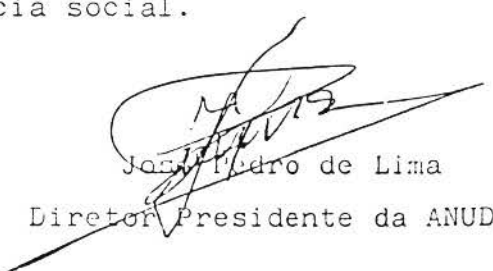
Consultor Jurídico do SETAS - Secretaria Estado de Trabalho e Ação Social 034-292-2000

Nosso comentário

Não podemos acatar e nem aceitar o parecer do ilustre consultor jurídico que, em sua consultoria analisa o pedido da Associação dos Nordestinos. Se a Entidade não atende os requisitos da Lei Mineira nº 11.870 de 01/08/96, tudo bem. Agora o seu comentário... "Por outro lado, não é do interesse do Estado de Minas Gerais promover atos que estimulem o êxodo de nordestinos para a região de Uberlândia..."

Ao que nos parece voltamos à idade da pedra e da escravidão: discriminação e aberração? É um absurdo!

Pediria a apreciação da matéria no que se refere a nordestinos, pois a Entidade a que se refere o nosso ilustre Dr. Artur, não é de assistência a nordestinos e sim, de assistência a pessoas, ou seja, assistência social.



José Pedro de Lima

Diretor Presidente da ANUDI

Ingredientes

1kg de macaxeira
2 xicaras de leite de gado
1 coco ralado
4 ovos inteiros
2 colheres de manteiga derretida
1 xícara de farinha de trigo
1 colher de sopa de fermento em po
sal a gosto

Modo de Preparo

Rale a macaxeira, esprema e coloque numa vasilha. Passe no liquidificador metade do coco com o leite de gado, para tirar o leite de coco. A outra metade do coco ralado junte com a macaxeira, assim como os quatro ovos, a manteiga, o leite de coco, a farinha de trigo e o fermento. Leve ao forno em forma untada.

Canjica de Milho Verde

Ingredientes:

25 espigas de milho verde
1 e ½ xícara de água
03 côcos
sal a gosto
01 xícara de açúcar
canela em pó para polvilhar

Modo de Fazer:

descasque as espigas de milho e, com uma faca afiada, corte os grãos rente ao sabugo. No copo do liquidificador, coloque os grãos aos poucos e, juntando a água devagar, triture até obter um purê. Passe o purê numa peneira apoiada numa tigela para eliminar as casquinhas do molho. Em seguida, coloque a massa peneirada num pano fino e esprema bem. Coloque o caldo obtido numa travessa grande e deixe descansar até a massa de milho se separar no líquido. Quebre os côcos, descasque e rale. Esprema a polpa ralada num pano fino para retirar o leite grosso e reserve numa tigela. Retire o líquido que se separou da massa de milho, junte ao coco ralado e esprema novamente para retirar o leite ralo. Reserve em outra tigela. Numa panela grande, misture a massa de milho com metade do leite ralo, leve ao fogo brando e cozinhe, mexendo sempre com uma colher de pau. Junte o leite ralo restante devagar, sem parar de mexer, até a mistura começar a abrir bolhas. Acrescente o leite grosso e continue mexendo até a mistura ficar espessa. Tempere com um pouquinho de sal, acrescente o açúcar e misture bem. Tire do fogo. Coloque a canjica numa fôrma de 20 cm de diâmetro e deixe esfriar completamente. Desenforme num prato de servir, polvilhe com canela e leve à mesa.

Tapioca

Ingredientes:

04 xicaras de goma fresca ou polvilho doce
04 xicaras de côco fresco ralado
01 pitada de sal
açúcar a gosto

Modo de Preparar:

Misture todos os ingredientes e, com a palma das mãos, esfregue para fazer uma farofa granulada e úmida. Leve uma frigideira ao fogo e aqueça. Coloque a farofa até tomar todo o fundo da frigideira, apertando ligeiramente. Deixe por 1 minuto. Com o calor do fogo a farofa se unifica, formando uma panqueca grossa. Abaixar o fogo, vire e deixe mais um pouco na frigideira. Sirva assim ou, se desejar, molhe com 1 xícara de leite de côco misturado com ½ de água e açúcar a gosto.

Docês Caseiros

Doce de Côco

Ingredientes:

01 Côco Ralado, Bem Fino
 ½ kg de Açúcar
 01 Colher(sopa) de Farinha de Trigo
 05 Gemas

Modo de Preparar:

Misture bem os ingredientes e leve ao fogo brando, mexendo ocasionalmente(para não açucarar) uns 15 minutos. Sirva em compoteira.

Doce de Batata Doce

Ingredientes:

02kg de Batata Doce,
 Açúcar
 Leite Puro de 1 Côco

Modo de Fazer:

Cozinhe, descasque e passe as batatas pelo espremedor. Meça as xícaras de massa de batata para juntar a mesma quantidade de açúcar. Misture e leve ao fogo, mexendo até começar a largar da panela; acrescente o leite de côco e mexa até dar o ponto de virar a panela e o doce se desprender completamente. Ponha em compoteira.

Cocada Preta

Ingredientes:

01 côco ralado
 01 rapadura

Modo de Fazer:

Rale a rapadura, junte o côco ralado e leve ao fogo, mexendo até começar a açucarar; espalhar em mármore untado e depois de fria, corte em quadradinhos.

Pamonha Assada

Ingredientes:

12 espigas de milho verde(bem amarelas)
 01 litro de leite
 02 xícaras(chá) de açúcar
 02 colheres(sopa) de manteiga derretida
 01 colher(sobremesa) rasa de canela em pó
 01 pitada de sal

Modo de Fazer:

Corte o milho das espigas com uma faca, até aparecer o sabugo. Bata no liquidificador, junto com o leite. Passe numa peneira e acrescente o açúcar, a manteiga derretida, a canela e a pitada de sal. Despeje o creme em um pirex médio ou num refratário e leve ao forno previamente aquecido, em banho-maria, a uma temperatura média, por aproximadamente uma hora ou até dourar.

Cuscuz de Milho

Ingredientes:

01 xícara de côco fresco ralado grosso
2 e 1/3 de xícaras de floco de milho pré-cozidos

01 xícara de açúcar
01 pitada de sal
02 xícaras de leite de côco

Modo de Preparar:

Numa tigela, coloque o côco ralado, os flocos de milho, metade do açúcar e a pitada de sal, e misture bem. Leve um cuscuzeiro ao fogo alto, com água na parte inferior, e deixe ferver. Enquanto isso, abra um quadrado de pano fino sobre uma superfície de trabalho e coloque a mistura de côco e flocos de milho no centro. Dobre as pontas do pano sobre a mistura e coloque na parte superior do cuscuzeiro. Tampe, leve ao fogo alto e cozinhe por 10 a 15 minutos ou até ficar firme. Tire do fogo e deixe amornar com o cuscuzeiro tampado. Enquanto isso, misture o leite de côco com o açúcar restante. Coloque o cuscuz num prato com o açúcar restante. Coloque o cuscuz num prato de servir e regue com metade da misturas de leite de côco. Leve à mesa acompanhado da mistura restante à parte.

.....Cuscuz da Galinha

Ingredientes

- ½ galinha limpa de mais ou menos 600 g
- 3 dentes de alho picadinho
- 1 cebola grande ralada
- 3 tomates
- 1 folha de louro
- 1 maço de cebolinha
- 3 colheres (sopa) de óleo
- 1 lata de ervilha
- 1 vidro de palmito
- 50 g de azeitonas pretas
- 2 ovos cozidos
- 2 xícaras (chá) de farinha de milho
- 4 copos de água
- sal e pimenta a gosto

Modo de Preparo

Doure no óleo a cebola e o alho. Junte a galinha em pedaços. Frite em fogo baixo até a carne dourar. Acrescente os tomates picados, o sal, a pimenta, a folha de louro. Adicione três copos de água e cozinhe em panela de pressão por 20 minutos. Depois de cozido, retire os pedaços de galinha, elimine os ossos e as peles e corte a carne em pedacinhos. Junte essa carne ao caldo em que foi cozida, acrescente a ervilha e o palmito cortado em rodelinhas. Deixe ferver. Se o caldo for pouco, junte o restante da água. Adicione, aos poucos, a farinha de milho e mexa com uma colher de pau. Cozinhe por 3 minutos antes de desligar o fogo. Coloque a cebolinha picadinha. Enfeite numa forma de cuscuz com rodela de ovos e azeitonas. Despeje a massa do cuscuz. Desenforme depois de frio.

Almoço Nordestino

Arroz de Leite

Ingredientes:

Arroz
Leite
Sal

Modo de Preparar:

Cozinhe o arroz normalmente em água e sal. Escorra e ponha de volta na panela com leite suficiente para cobri-lo. Deixe ferver bem, até o leite ser absorvido e o arroz ficar mole. Cuidado para não passar do tempo e virar papa.

Carne de Sol assada na brasa

Ingredientes

- 900g de carne de sol (alcatra, contra filé, maminha, coxão mole)
- 250 ml de leite de gado
- 1 litro de água
- 50 ml de manteiga de garrafa

Modo de preparo

Lave bem a carne de sol na água. Em uma panela coloque o leite, a água e a carne. Deixe de molho por 30 minutos. Coloque a carne em uma vasilha com água e logo em seguida escorra bem. Ponha a carne em um espeto e leve ao fogo em brasa. Após 40 minutos ela estará pronta para ser saboreada. Para sua carne ficar mais saborosa coloque uma fatia de queijo coalho por cima da carne.

Acompanhamentos .

Feijão verde, farofa matuta, macaxeira (aipim) cozida, arroz, paçoca, e pirão de queijo.

Paçoca

Ingredientes:

1,2 kg de carne-de-sol
150 g de charque
04 colheres(sopa) de óleo
03 colheres(sopa) de manteiga do sertão
½ xícara de óleo
02 cebolas bem picadas
2 ½ xícaras de farinha de mandioca

Modo de Preparar:

Coloque as carnes de molho de véspera em água com vinagre, trocando a água várias vezes. Escorra as carnes. Asse a carne-de-sol e o charque com 4 colheres(sopa) de óleo em forno moderado preaquecido por 25 minutos ou até que fique macia. Pile ou passe pelo liquidificador ou processador a carne-de-sol e o charque para ficarem bem moidos, como farofa. Reserve. Numa panela, aqueça o óleo restante com a manteiga, junte a cebola e refogue-a até murchar. Acrescente a farinha de mandioca, mexa bem e frite até ficar sequinha, por uns 10 minutos. Acrescente a carne à farofa e misture bem.

Ingredientes:

01kg de carne-seca(charque)
2 colheres(sopa) de óleo
01 cebola grande picada
02 dentes de alho amassados
01 pimentão verde pequeno, sem sementes, picado
04 tomates grandes, sem sementes, picados
01 kg de jerimum(abóbora) maduro, descascado e cortado em cubos de 3 cm
sal e pimenta a gosto
02 colheres(sopa) de cebolinha verde picada
02 colheres(sopa) de salsa picada

Modo de Preparar:

Na véspera, elimine a gordura da carne-seca, corte-a em pedaços pequenos, coloque numa tigela grande, cubra com bastante água fria e deixe de molho até o dia seguinte, trocando a água 3 ou 4 vezes para eliminar o sal e amaciar a carne. No dia seguinte, escorra a carne, coloque numa panela de pressão, cubra com 4 xícaras de água fria, leve ao fogo alto e deixe ferver. Cozinhe por cerca de 30 minutos ou até ficar macia. Tire do fogo, escorra e reserve. Numa panela grande, coloque o óleo e aqueça em fogo alto. Junte a cebola e o alho, e doure levemente. Acrescente o pimentão, os tomates e a carne-seca, e cozinhe, juntando a água quente aos poucos, até a carne ficar macia e um molho se formar na panela. Junte o jerimum e continue o cozimento, mexendo de vez em quando, até ficar macio, mas sem se desmanchar. Tempere com sal e pimenta a gosto, e acrescente a cebolinha e a salsa. Tire do fogo, coloque num prato de servir e leve imediatamente à mesa. Acompanhe com arroz branco.

Sarapatel

Ingredientes:

sangue de porco 01 fissura de porco(fissura são os miúdos: figado, bofe, coração e tripas).
Limão a gosto
02 cebolas roxas grandes picadas
05 dentes de alho picados
04 colheres(sopa) de hortelã picada
04 colheres(sopa) de salsinha picada
¼ de xícara de vinagre
04 pimentas de cheiro
04 colheres(sopa) de banha de porco
02 xícaras de água
sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de Preparar:

O sangue de porco pode ser encontrado já cozido e sólido, ou ainda líquido, em saquinhos plástico. Se estiver líquido, cozinhe em água fervendo até que fique firme. Corte em cubinhos e reserve. Numa panela, leve os miúdos de porco ao fogo com água, bastante suco de limão e limões cortados ao meio. Espere ferver, troque a água e espere ferver novamente. Pique os miúdos e acrescente todos os temperos. Deixe descansar na geladeira de um dia para o outro. Na manhã seguinte, frite os temperos e os miúdos na banha. Acrescente a água e cozinhe por mais 2 ou 3 horas ou até que os miúdos fiquem bem macios. Coloque o sangue cortadinho e deixe engrossar o caldo, mexendo. Sirva quente.